

PONTIFÍCIA UNIVERDIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Samar Mohamad El Malt

**AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM: CONSIDERAÇÕES SOBRE A
RELAÇÃO LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA ESTRANGEIRA**

MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA
LINGUAGEM

São Paulo

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Samar Mohamad El Malt

**AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM: CONSIDERAÇÕES SOBRE A
RELAÇÃO LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
MESTRE em Linguística Aplicada e Estudos da
Linguagem, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Lucia
Maria Guimarães Arantes

São Paulo

2012

PÁGINA DE APROVAÇÃO

COMISSÃO JULGADORA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processo fotocopiadores ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Local e Data: _____

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que me propiciaram uma vida digna onde eu pudesse crescer, acreditando que tudo é possível, desde que sejamos honestos, íntegros de caráter e tendo a convicção de que desistir nunca será uma ação contínua em nossas vidas; que sonhar e concretizar os sonhos só dependerá de nós.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, essencial em todos os momentos do estudo e da vida.

A minha querida e eterna Professora e Doutora **Lúcia Maria Guimarães Arantes**, pela presença estruturante na minha formação, pelos sorrisos e gestos de carinho, pela confiança, dedicação, respeito e **paciência** dispensada a mim e a esta pesquisa. Pela sensibilidade, compreensão e também pelo “colo” nos momentos de aflição. Não há palavra no mundo para demonstrar o carinho que eu tenho por você e por tudo que fez por mim nesta caminhada, que por muitas vezes árdua e por vezes nos deixou aflita por abordar um tema tão novo para nós. Acredito que tenhamos feito um bom trabalho. Digo nós, pois sem você este trabalho não teria saído! Para você, minha querida orientadora e eterna professora, meu MUITO OBRIGADA!!! Ah...um poema para você por ter me acolhido e acreditado em mim...

“O professor disserta sobre ponto difícil do programa.

Um aluno dorme,

Cansado das canseiras desta vida.

O professor vai sacudí-lo?

Vai repreendê-lo?

Não.

O professor baixa a voz,

Com medo de acordá-lo.”

(**Carlos Drummond de Andrade**)

A **Dr^a Prof^a Maria Francisca Lier De-Vitto**, pela leitura atenta e minuciosa, pelas pontuações e indicações de leituras, na banca de qualificação, que foram muito importantes para que este trabalho chegasse em sua versão final. Também pelos ensinamentos oferecidos no Grupo de Pesquisa Aquisição e Patologia de Linguagem que nortearam a minha formação no Mestrado e pela disponibilidade em aceitar meu convite para participar da banca de defesa.

A **Dr^a Prof^a Lourdes Andrade**, pela disponibilidade afetiva em participar da banca de qualificação e defesa como suplente. Sua leitura atenta e precisa foram importantes para o encaminhamento desse trabalho.

A **Dr^a Sônia Araújo**, pela disponibilidade afetiva e carinho por participar da Banca de Defesa.

A **Dr^a Silvana Zajac**, pelo carinho de ter aceitado participar da Banca de Defesa como suplente. Também pelas discussões oferecidas em sua tese que foram importantes para iniciarmos uma discussão aprofundada sobre Língua Materna.

Ao **Bizio**, por ter participado da minha banca de qualificação e pelas pontuações e sugestões interessantes para o meu trabalho.

À **Maria Lucia** da secretaria do LAEL e ao **Rodrigo** da Secretaria acadêmica pelo carinho e disponibilidade em me auxiliar nas datas, entrega de documentos e solicitações. E pelas longas conversas de carinho para que eu me acalmasse, pois no fim tudo daria certo!

Aos **professores do Mestrado**, pelos questionamentos, contribuições e sugestões ao longo deste percurso.

A **Mabile** por revisar meu texto, com carinho e paciência.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa, **Ana Elisa, Paula, Fabiana, Sonia, Melissa, Juliana, Maria da Glória, Fernanda, Mariana, Vera Lucia, Bizio, Jadson, Zé Carlos, Caroline Lopes e Karla Kamilos**, por compartilharem tantas questões e tantas descobertas.

A **Ana Elisa Belotti (conhecida mais como Lili)**, pelos inúmeros favores, pelo companheirismo, por traduzir meu resumo, por tudo!!! Meu Muito obrigada!

Aos meus amigos **Wendel Dantas e Fabricio Holmes** que tive oportunidade de conhece-los no Mestrado e com certeza levarei essa amizade para a vida toda. Obrigada por dividirem esse momento comigo.

A minha amiga, parceira para todas as horas, **Katia Barbosa** que, com muita paciência, dividiu ansiedades, tristezas, alegrias durante todo este trabalho e ao longo desses anos de amizade.

As minhas amigas queridas, **Susan Siqueira, Elaine Ferreira, Bouchra, Nisrine, Yasmin, Abir, Layal, Gabriela, Flavia, Valeria, Mônica** e todas aquelas de alguma forma me ajudaram nessa caminhada!

Ao **Rodrigo Cemino (Rô)**, “Era uma vez, na estrada da vida, você escolhido pra dar um volta comigo no mar...**Foi sem querer, meio no acaso, que você tropeçou...**” Obrigada pelo carinho e por ter tropeçado, meio ao acaso, em minha vida.

Minha amiga **Silvana** por sua paciência e horas de escuta. Pelos muitos puxões de orelha. Por me incentivar. Pelos telefonemas, visitas, e-mails e encontros em que dizia que não permitiria que eu desistisse. Obrigada, amiga!

Aos meus pais, **Laila e Mohamad**, por todo investimento, por acreditarem no meu trabalho, por apostarem em mim, pelo carinho, por estar sempre ao meu lado, torcendo pelo meu sucesso e felicidade em mais uma etapa da minha vida. Por serem meu porto seguro.

À **CAPES**, pelo apoio financeiro , o qual este sonho não seria possível.

Enfim, obrigado a todas as pessoas que contribuíram para meu sucesso e para meu crescimento como pessoa. Sou o resultado da confiança e da força de cada um de vocês.

EPÍGRAFE

“...Sou um estrangeiro para minha alma. Quando minha língua fala, meu ouvido estranha-lhe a voz. Quando meu Eu interior ri ou chora, ou se entusiasma, ou treme, meu outro Eu estranha o que ouve e vê, e minha alma interroga minha alma. Mas permaneço desconhecido e oculto, velado pelo nevoeiro, envolto no silêncio. Sou um estrangeiro para o meu corpo. Todas as vezes que me olho num espelho, vejo no meu rosto algo que minha alma não sente, e percebo nos meus olhos algo que minhas profundezas não reconhecem...”

Gibran Khalil

RESUMO

MALT, Samar Mohamad El. Aquisição de Linguagem: Considerações sobre a relação Língua Materna e Língua Estrangeira.

Este trabalho é uma reflexão sobre a Língua Materna, tema que, no Campo da Aquisição de Linguagem, raramente tem sido objeto de atenção. Colocamos em discussão quais os sentidos abrigados sob esse sintagma, tendo como solo teórico a hipótese de que a estruturação subjetiva e a estruturação da linguagem são mutuamente determinadas, como assinala De Lemos (1992, 1995, 2000, 2002, entre outros). Uma discussão sobre o conceito de Língua, conforme propõe Saussure, e os efeitos promovidos pela inclusão deste autor em uma proposta sobre aquisição de linguagem foi também encaminhada.

A reflexão sobre o conceito de Língua Materna incluiu questões relativas à estruturação do sujeito e, também, o conceito de *lalangue*, dado que o quadro teórico que orienta esta pesquisa é aquele proposto por Cláudia De Lemos, autora propõe um modo de entendimento da aquisição da linguagem a partir dos efeitos da aproximação à Psicanálise de Jacques Lacan e à leitura original que este autor empreendeu do estruturalismo europeu. Buscamos nesta pesquisa delinear tais conceitos no campo da Linguística e da Psicanálise.

Consideramos que partir do tratamento dado no campo da Psicanálise foi colocar em discussão o modo como ele é tratado no interior da Linguística. Estabelecer um diálogo entre essas duas áreas permitiu encaminhar uma reflexão sobre o que determina que um sujeito, desde cedo exposto a mais de uma língua, seja escolhido por aquela que será denominada “língua materna”. Parte-se da noção de sujeito constituído pela linguagem na relação com o Outro.

O foco da reflexão são as formas possíveis de relação do sujeito com a Língua Materna e com a Língua Estrangeira. O objetivo deste trabalho foi pesquisar os efeitos do aparente apagamento de uma das línguas que faz de um corpo sujeito, ou como essas línguas se entrelaçam na estruturação da subjetividade.

Trata-se de um tema que envolve a relação sujeito-língua-fala e que é relevante para refletir sobre a aquisição de linguagem e sua relação com a Língua Materna e Língua Estrangeira.

Palavras-chaves: Aquisição de Linguagem, Língua, Língua Materna, Língua Estrangeira e *Lalangue*.

ABSTRACT

This paper is a reflection on mother tongue, subject that rarely has been object of attention in the field of Language Acquisition. We discuss what senses are under this syntagma, having as theoretical background the hypothesis that subjective structure and language structure are mutually determined, as pointed out by De Lemos (1992, 1995, 2000, 2002, among others). A discussion about the concept of Language and its effects, as proposed by Saussure (1916), in a proposal about language acquisition has also been considered.

The reflection on the concept of Mother Tongue has also included issues related to the structuring of the subject and also the concept of *lalangue*, once the theoretical framework that guides this research is the one proposed by Cláudia De Lemos, who proposes a way to understand language acquisition from the effects approaching Jacques Lacan Psychoanalysis and the original understanding of European structuralism by that author. In this research we try to outline such concepts in the field of Linguistics and Psychoanalysis.

We consider that from the treatment given in the field of Psychoanalysis we have brought up to discussion how it is treated inside Linguistics. Establishing a dialogue between these two areas allowed to conduct a reflection on what determines that a subject who is since early exposed to more than one language chooses the one that will be named "Mother Tongue" The starting point is the notion of subject constituted by language in the relation with the Other.

The focus of this reflection have been the possible ways of relation of the subject with the mother Tongue and the foreign language. This study aimed to investigate the effects of the apparent deletion of one of the languages which turns a subject, or how these languages are interwoven in the structure of subjectivity. It is a subject that involves the relation subject-language-speech and that is relevant to reflect about language acquisition and its relation with Mother Tongue and Foreign Language.

Keywords: Language Acquisition, Language, Mother Tongue, Foreign Language and *Lalangue*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – Fundamentos teóricos.....	21
1.1. Interacionismos em Aquisição de Linguagem como possibilidade de interrogar o sentido de Língua Materna.....	21
1.2.1. Sob os efeitos do estruturalismo: Saussure e a Língua.....	30
1.2.2. Língua como objeto da Ciência.....	31
1.2.3. Língua e Teoria do Valor.....	36
CAPÍTULO 2 – <i>LALANGUE</i> , LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	45
2.1.1. Língua estrangeira e Psicanálise.....	55
CAPÍTULO 3 – O enigma da Língua Materna: Relato de Casos na Literatura.....	58
CAPÍTULO 4 – Entrelaçamento: caminhos percorridos até aqui.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	88

INTRODUÇÃO

Os estudos da linguagem despertaram o meu interesse ao longo de minha formação acadêmica, tanto os estudos relacionados à aquisição de linguagem, quanto os que abordavam sua face patológica. As questões clínicas, igualmente instigantes, e que me motivaram, eram aquelas em que a singularidade do sujeito, a fala do paciente e a escuta do clínico eram tematizadas. Meu interesse por tais questões determinaram minha aproximação ao Grupo de Pesquisa Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem coordenado pelas Prof^a. Dr^a. Maria Francisca Lier- De Vitto e Prof^a. Dr^a. Lúcia Arantes.

Entretanto, uma questão pessoal que há muito me inquietava foi determinante na decisão de realizar uma pesquisa sobre a Língua Materna. A questão é de fato muito antiga e anterior ao meu ingresso no curso de Fonoaudiologia. Trata-se mesmo de minha história de vida. Imigrei para o Brasil aos três anos de idade e, portanto, já havia percorrido um longo trajeto. O árabe foi o território que habitei inicialmente, foi a língua pela qual minha mãe respondeu aos meus apelos e pela qual fui por ela embalada. Se a Língua Materna é a primeira, aquela na qual o bebê é imerso e por ela significado para tornar-se falante em um percurso singular que marca sua relação com a linguagem, não há como negar que quando cheguei a este país o árabe já havia deixado em mim marcas indelévels, que, gradualmente, foram aparentemente esquecidas. Esquecidas, pois o português, apesar da entrada tardia e de não corresponder à língua de meus pais, parecia ser a língua com a qual eu me identificava e por onde circulava com mais desenvoltura. Seria possível considerar, no meu caso, o Português a Língua Materna? Afinal, o que é mesmo Língua Materna? A língua falada pela mãe? A língua nacional? Aquela com a qual nos sentimos

identificados? Assim, de modo enviesado, a questão da Língua Materna ganhou o estatuto de objeto de pesquisa.¹

Fui de início advertida que seria necessário guardar distância dos fatos que me motivaram, para assim escapar da armadilha de tomar minha vida, ou minha relação com a fala objeto de pesquisa: tarefa impossível. Igualmente ingênuo, entretanto, seria supor que poderia apagar o que havia me conduzido a este caminho. Decidi, assim, no sentido de possibilitar este empreendimento, voltar minha atenção para o campo da aquisição de linguagem e ver como tema era ali tratado. Reitero: seria aquisição de linguagem, aquisição de Língua Materna e aquisição de primeira língua expressões sinônimas?

De acordo com Andrade (2003), o pressuposto relativo à naturalidade acerca da “aquisição da Língua Materna serve ao senso comum como mera constatação, [já] no campo da aquisição da linguagem ele constitui ponto de partida para a delimitação de questões: diferentes teorias de aquisição da linguagem...” (ANDRADE, 2003, p. 5). Também Pereira de Castro (1998a) comenta que para falar sobre a **aquisição de linguagem** é possível usar os termos do cotidiano e concluir que “o bebê humano não fala ao nascer, mas adquire linguagem; melhor dizendo, passa a falar uma língua; aquela que costumamos chamar de **língua materna**” (PEREIRA DE CASTRO, 1998, p.247).

Mas Pereira de Castro (1998a) adverte que, para apreender as questões envolvidas nas mudanças que ocorrem na aquisição da linguagem, é necessário acento teórico e, em seu trabalho, ela elege o Interacionismo em aquisição de linguagem, conforme proposto por De Lemos (1992, 2000, 2006, entre outros) para encaminhar uma reflexão sobre o conceito de Língua Materna, dado que o encontro com a Psicanálise empreendido por De Lemos abriu um campo fértil para a investigação do tema. Foi sob efeito da referida proposta que Pereira de Castro (2006) pode enunciar que a aquisição da Língua Materna é uma experiência inaugural e definitiva, pois é por ela que um corpo não falante (*infans*) passa a ser um sujeito

¹ O meu caso pode ser lido como um caso bilinguismo se adotarmos a hipótese de Lenneberg (1967) que defende a hipótese de um período biologicamente crítico (entre 5 e 10 anos) para a aprendizagem baseada na maturação cerebral. Não pretendo aprofundar a distinção entre bilíngues - que se encontram mergulhados desde o nascimento -, e políglotas que adquirem outra língua, além da Língua Materna já estabelecida.

falante ou sujeito da linguagem. Em seu trabalho ela justifica a eleição do Interacionismo em aquisição de linguagem, pois ele oferece:

elementos teóricos suficientes para que se atribua à *língua materna* um lugar peculiar, para que se reconheça - com o linguista Jean Claude Milner² - a necessidade do seu deslocamento conceitual: da configuração numerável, de simples equivalente à primeira língua, para o lado que a impede, justamente, de fazer número com as outras línguas, de lhes ser acrescentada, comparada (PEREIRA DE CASTRO, 2006b, p.141).

Zajac (2011)³ constatou a possibilidade de entender a expressão “Língua Materna” por diversas vias. Em sua tese, que focaliza a questão das implicações da surdez na aquisição de linguagem, inicia a discussão introduzindo o trabalho de Leite (2001), pesquisadora que interroga o sintagma “Língua Materna” desde a Psicanálise. Para Leite (2001), tal sintagma indica a presença incontornável de um sujeito para quem a língua se configura como materna “qual seria a razão desta nomeação se ela não implicasse de imediato um sujeito?” (idem:268/269), Para a autora, a denominação “materna” faz referência à incidência de um efeito sujeito e marca uma distinção entre o que costumeiramente se denomina “primeira língua”. Ela diz que:

[...] é comum encontrarmos a identificação de “língua materna” como a primeira língua, e nisto a língua falada pela mãe fazendo uma suposição de uma outra, a estrangeira, segunda; e também com a língua nacional, implicando desta forma uma identificação do falante através da língua que sustenta a unificação subentendida no conceito de nação. [Ela prossegue, afirmando que] uma língua seja identificada como ‘natural’, eis o mínimo para que daí se conclua que ela seja “materna” para um falante. No entanto, isto não é suficiente para que

² Tomarei neste momento, sobretudo, o trabalho de 1978 de Milner, sem ignorar, contudo, que em 1983 o autor retoma a questão da Língua Materna, formulando modificações na sua hipótese anterior.

³ Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem que trabalhou em sua tese a escrita de alunos surdos e teceu considerações importantes sobre a Língua Materna.

se conclua haver uma sinonímia entre língua e “língua materna” (LEITE, 2001, p. 269).

Assim, segundo Leite (2001), torna-se necessário cercar a especificidade do que está implicado na expressão Língua Materna “a partir de uma afirmação de diferença radical entre o conjunto de propriedades que nos permite designar algo como um exemplar de língua e as propriedades que fazem uma língua materna para um falante” (idemibidem). Para Leite é possível conceituar Língua Materna para a Psicanálise, mas é imperativo operar uma distinção entre o sujeito que se estrutura pela linguagem e o sujeito tomado como suporte indispensável que qualquer teoria sobre a língua pressupõe.

De acordo com Zajac (2011), a direção de Leite (2001) se alinha à posição de Milner, quando refere haver “uma incomensurabilidade entre o objeto que uma teoria linguística pode circunscrever e isto que se designa como língua materna” (LEITE, 2001, p. 269). Nessa direção, ela afirma que “enquanto materna uma língua é causa singular do sujeito, matéria fundadora de seu psiquismo. Nomear uma língua, materna, é atribuir à língua o estatuto de causação do sujeito” (idemibidem).

Entende-se porque o quadro teórico que orienta minha pesquisa é também aquele proposto por Cláudia De Lemos desde 1992, quando - a partir da revisão do próprio trabalho -, a autora propõe um modo de entendimento da aquisição da linguagem que, pelo efeito da aproximação à Psicanálise de Jacques Lacan - e à leitura original que este autor empreendeu do estruturalismo europeu é radicalmente diferente dos trabalhos da área. Vale acrescentar que quando escrevi o projeto de mestrado, já havia tido algum contato com a Psicanálise, sabia que também naquele campo a questão da Língua Materna era tematizada, assim considerei necessário, ainda que de forma preliminar e cautelosa, tentar uma aproximação na abordagem de minha questão de pesquisa.

Também fará presença Milner (1978), linguista e psicanalista, autor que define, como vimos, Língua Materna como aquilo de que justamente a linguística não trata, porque excede gramática e teorias, pertencendo ao eixo da poesia, dos lapsos, dos jogos de palavras. Essa língua, conforme o autor, pode ser qualquer língua que materne um falante, que faça dele sujeito. Com esta afirmação, o autor abre um

instigante espaço de reflexão para todo pesquisador que aborda a Língua Materna e a interface entre Linguística e Psicanálise, trata-se de uma relação delicada.⁴

A este respeito Lier-DeVitto e Fonseca (2012) retiram do trabalho de Milner uma citação que importa a este trabalho, a medida em que desloca o sujeito do controle da fala: Ele diz:

[quando] o sujeito de desejo [incide] em um ponto [da cadeia] tudo bascula: a possibilidade de cálculo sintático cessa, a representação gramatical cede e os elementos articulados **viram significantes**. **Esse processo (...) é o de subjetivação** (...) pode operar em qualquer lugar: basta uma cadeia e um ponto que nela se distinga. O sujeito, neste sentido, tem a **liberdade da indiferença** (diz ele) e todos os lugares podem ser habitados pelo seu desejo (MILNER, 1978/1987, p. 64, APUD LIER-DEVITTO E FONSECA 2012 p. 69-70).

Nesta citação, as autoras indicam que o sujeito não controla sua própria fala, embora esta possa ser “invadida por ele, é preciso reconhecer que fala (linguagem) é alteridade em relação ao sujeito”. (Idem p.70) Segundo Milner, prosseguem as pesquisadoras, “estas “invasões” devem ser entendidas como “momentos de subjetivação”. Ele diz, ainda, que eles são notáveis quando promovem perturbação na cadeia ou, como se lê na citação acima, quando a *representação gramatical* cede lugar a uma *articulação significativa*” (Idem p. 70). Com isso elas assinalam que “o sujeito tem incidência na fala, mas não se confunde com ela. Ou seja, ele incide, “aparece”, mas nela não se enlaça ou se abriga” (idemibidem).

Ao longo de meu percurso no Mestrado, considerei importante introduzir uma discussão sobre a relação Língua Materna/Língua Estrangeira, presença constante em diversos estudos que abordam o tema desta dissertação. Assim, que tange à Língua Estrangeira, introduzi, ainda que com algumas ressalvas, a reflexão encaminhada por Melman (1992), em seu livro “*Imigrantes*”, texto que é referência para inúmeros estudos, não apenas no âmbito da Psicanálise. Para este autor saber

⁴ Sobre as relações entre Linguística e Psicanálise ver: Amorim Silva, M.G. V. (2012) e Lier-DeVitto (2011)

uma língua é diferente de conhecê-la. Saber uma língua significa ser falado por ela, ou seja, ser atravessado pelos seus significantes, o que funda uma subjetividade desejante.

Segundo Melman, a Língua Materna é aquela na qual a mãe é interditada pelo pai simbólico, sendo por isso a língua do desejo. Para Melman (1992), fazer o percurso do que se entende por sujeito falante, para pensar o contato com a Língua Estrangeira é imprescindível, uma vez que a constituição do sujeito na Língua Materna é inaugural e permeará a sua relação no processo de aprendizado/apropriação da Língua Estrangeira. Como se vê a Língua Estrangeira, para ele, está relacionada **ao conhecer**, já a Língua Materna **ao saber** (da língua). Cabe salientar que a Língua Materna não é necessariamente aquela falada pela mãe, mas aquela que "teceu o inconsciente" (MELMAN, 1992), isto é, a língua que para cada um constitui a língua da estrutura simbólica fundamental que o faz sujeito. Pereira de Castro (1998) refere que Melman (1992) recorre a esta divisão para dar conta de duas posições subjetivas distintas: a que se define na relação com a Língua Materna e a posição que é efeito do convívio com línguas outras:

[...] saber uma língua quer dizer ser falado por ela, que o que ela fala em você se enuncia por sua boca, como destacado a título de "eu" (*je*). Conhecer uma língua quer dizer ser capaz de traduzir mentalmente, a partir da língua que se sabe, a língua que se conhece. Desde então não falamos mais do mesmo lugar, nos comunicamos (...). A língua que se sabe é dita a língua materna (Melman, 1992, p. 15-16.).

Para ela, ainda que o autor oscile em relação à dicotomia seria importante interrogar sobre os efeitos de tal oposição.

A partir do tratamento dado a este tema no campo da Psicanálise, penso ser possível colocar em discussão questões relativas à aquisição de linguagem, área em que o tema raramente é objeto de atenção e tentar delinear quais os sentidos abrigados sob esse sintagma. Assim, reflexões que tratam da relação entre a fala da criança e a fala do adulto no processo de aquisição, ou melhor, na passagem de *infans* a falante, serão determinantes no encaminhamento desta pesquisa. Se

estruturação subjetiva e a estruturação da linguagem são mutuamente determinadas, como assinala De Lemos (1992, 1995, 2000, 2002, entre outros) é necessário levar tal afirmação às últimas consequências para encaminhar uma reflexão sobre a Língua Materna. Vejamos o que a autora diz no texto “Interação e Processo de Subjetivação” (2000):

[...] o que se tem chamado de desenvolvimento da linguagem como processo de subjetivação coloca em questão não só o processo de aquisição de linguagem como aquisição de um conhecimento sobre a língua quanto pressuposto de que esse conhecimento adquirido implique desenvolvimento. Falar em processo de subjetivação significa colocar anterioridade lógica de linguagem relativamente a um corpo pulsional que é por ela capturado e significado” (DE LEMOS, 2000, p. 3 e 4).

Ora, tocar a questão da anterioridade lógica da linguagem em relação a um corpo pulsional nos leva a interrogar o que se designa por Língua Materna para pensarmos o campo da Aquisição de Linguagem. Lidar com o entrelaçamento entre língua e subjetividade é uma questão ampla e complexa. Neste momento fui convocada a estudar tal relação, sem a pretensão de esgotá-la, uma vez que essa questão me inquieta, desperta a curiosidade e o desejo de penetrar os mistérios aí envolvidos.

Enfatizo que poucos estudos, no âmbito aquisição de linguagem, se detêm sobre a questão deste trabalho, a maior parte das pesquisas de cunho linguístico aborda o tema exclusivamente pela ótica da aprendizagem de segunda língua e suas implicações. Não devo deixar de dizer, entretanto, que em minha trajetória deparei-me com diversos trabalhos muito interessantes no campo da Psicanálise (AMATI MEHLER et al.,(1990); BALBO (2004); MORAES (1999); GASPARINI (2010); MELMAN op.cit. (1992); LEITE (2001); entre outros autores).

Há também os que no âmbito da literatura abordam os problemas da tradução e da imigração (HELLER-ROAZEN 2010), além daqueles citados por Pereira de Castro (2006) que abrangem “os depoimentos dos próprios escritores, imigrantes ou estudantes de línguas estrangeiras (por ex., CANETTI, 1989; KRISTEVA, 1995;

CORACINI, 2003) e os textos sobre o ensino de Língua Estrangeira (SERRANI, 1997; CELADA, 2002)”. Para Pereira de Castro (idem) o enigma seria pensar o modo de articulação de trabalhos que abordam a questão de forma tão heterogênea, uma possibilidade de solução para a autora estaria na assunção da “hipótese sobre o traço de incomensurabilidade da língua materna, do seu (im)possível esquecimento e ainda no fato de se supor que a língua materna possa ser constituída por línguas diversas, podem [...] constituir um dos pontos de intersecção entre textos de campos distintos” (PEREIRA DE CASTRO, 2006b, p.144). Nesta pesquisa, se tratando de uma dissertação de mestrado, não me arrisco a ir tão longe, minha questão é preliminar, até porque dizer que a Língua Materna pode ser constituída por línguas diversas me parece problemático, como veremos. Assim, alguns dos trabalhos acima citados farão presença neste estudo apenas para indicar a complexidade e amplitude do tema em questão.

Com isso, nesta dissertação pretendo argumentar no sentido de suspender a ideia de que os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira sejam autoevidentes, pois pude entender que a definição de cada um desses termos é bastante complexa. “A eles estão ligados outros tantos conceitos e pressupostos, como a própria definição do que é língua” (SPINASSÉ, 2006, p. 1) e a concepção de sujeito. Entendo que interrogar a tradicional dicotomia Língua Materna/Língua Estrangeira do modo como apresentada em muitos estudos, não é tarefa simples, mas relevante.

Finalmente, destaco que minha questão de pesquisa diz respeito aos efeitos do aparente apagamento da língua que faz de um corpo sujeito, e se (e como) essas línguas se entrelaçam na estruturação da subjetividade. Considerando que se pode falar uma língua “estrangeira” com mais facilidade do que sua “própria língua”, ou aquela que se diz “materna”, somos obrigados a interrogar: o que seria a “própria língua”? Acompanho, assim, o subtítulo do livro Melman (1992), *“Imigrantes”*, e com ele interrogo: *“quais as incidências subjetivas das mudanças de língua e país”* e como isso nos ilumina em relação à Língua Materna?

Para situar o leitor acerca do modo como pretendo empreender esta discussão, descrevo a seguir o que será tratado em cada capítulo.

No capítulo 1 apresento os fundamentos teóricos que sustentam a reflexão que encaminho nesta dissertação. Retomo, brevemente, o interacionismo conforme proposto por Claudia Lemos, focalizando o movimento que teve início em 1992. Autora avança numa proposta estrutural no que concerne a mudanças que se operam na fala da criança. Os processos metafóricos e metonímicos são trazidos para explicar as mudanças que ocorrem na fala da criança. Nessa proposta estrutural, três polos são implicados: a criança, o outro, a língua. Essas considerações fizeram com que De Lemos aproximasse da Psicanálise, além da linguística. Esses dois campos nos remete ao “compromisso com a fala”, e com a “fala da criança” e, também, com a “ordem própria da língua”. Essas considerações conduzem De Lemos à noção de captura. Por isso, quando se fala em Língua Materna, introduz-se este elemento. Portanto, desloca-se, assim a ideia de um sujeito cuja identidade se define pelo uso da língua e o sujeito passa a ser concebido como sujeito da língua, trata-se, portanto, de um *efeito-sujeito*. Destaco a importância no trabalho de Claudia De Lemos do retorno à Saussure, a partir da leitura de Jacques Lacan, e como a noção de Língua e a Teoria do Valor promoveram deslocamentos importantes. Assim, ao analisarmos de aquisição da linguagem pela criança, desde as contribuições da teoria do valor proposta por Saussure, acreditamos que a criança se depara com uma cadeia de significantes que possui sua própria ordem. Desta forma, podemos observar a estrutura da língua em movimento através das relações paradigmáticas, em que os elementos de uma cadeia são substituídos por outros; e das relações sintagmáticas, nas quais alguns elementos são deslocados através da relação língua-sujeito (criança). Encerro com uma questão sobre o sujeito da aquisição de linguagem.

No capítulo 2, a Psicanálise faz presença. Ali, exploro o conceito de *lalangue* operador presente em qualquer língua, elemento responsável por articular língua-sujeito. Trago, também, autores que abordam Língua Materna tecendo considerações sobre a estruturação do sujeito. Considerando que se pode falar uma língua “estrangeira” com mais facilidade do que sua “própria língua”, ou aquela que se diz “materna”, somos obrigados a interrogar: o que seria a “própria língua”? A questão da relação Língua Estrangeira/Língua Materna é também tematizada.

No Capítulo 3, abordo a questão por um ângulo distinto, introduzo casos que encontrei na literatura e que apontam os enigmas envolvidos nessa questão. Escritores com Elias Canetti, Wolfson e, também Anna O., uma paciente cujo caso é

relatado por Freud e Breuer (1895). Esses casos nos fazem refletir a relação Estranho-Familiar na Língua Materna. Todos esses casos indicam a complexidade envolvida no tema da Língua Materna, mas revelam também sua face mais instigante.

Finalmente, no capítulo 4, tento amarrar todas as faces da questão que introduzi neste trabalho, sem ignorar, entretanto, que minhas considerações finais são realidade a indicação de um caminho a perseguir no doutorado.

CAPITULO 1

Fundamentos Teóricos

1.1. Interacionismo em Aquisição de Linguagem como possibilidade de interrogar o sentido de Língua Materna

Neste trabalho a questão da Língua Materna, conforme anunciado na Introdução, é tema eleito para reflexão. Tal escolha implica, necessariamente, colocar em cena o modo como tal tema tem sido abordado no campo da aquisição de linguagem, dado que aquisição de Língua Materna e aquisição de primeira língua são tomadas como expressões sinônimas de aquisição de linguagem. Também parece consensual, ao menos fora do campo da ciência, a ideia de que a criança nasce e passa a falar a língua a qual é exposta, aquela que é a língua da mãe. Para De Lemos (2007), no campo da aquisição de linguagem, o pensamento vigente – do qual ela se distancia -, tende a entender

O desenvolvimento linguístico [...] como o processo de *aprendizagem*, ou de *construção* de conhecimento, necessário para que a criança venha a ser falante nativo de uma língua particular destinada a ser sua “língua materna”. Segundo essa definição, a linguagem é necessariamente assumida como *objeto* que pode ser parcelado ou cujas propriedades podem ser acessadas por uma série ordenada de processos reorganizacionais (DE LEMOS, 2007, p. 21).

Nesta dissertação pretende-se escapar não só à simplicidade do senso comum, mas suspender a naturalidade com que o tema tem sido tratado, e, também, de concepções, como as mencionadas na citação acima, que fazem presença no campo da aquisição da linguagem, no sentido de desvelar a complexidade envolvida no tema, com vistas a interrogar os sentidos abrigados na noção de Língua Materna, bem como seu estatuto no interior de uma proposta de aquisição de linguagem, que deve responder pelas mudanças operadas na passagem de *infans* à falante.

Vale anunciar, entretanto, que em cena estará a proposta Interacionista em aquisição de linguagem, conforme desenvolvida por De Lemos desde meados dos anos setenta. Proposta que oferece solo teórico e possibilita, também, a criação de um campo de questões. Considerando as mudanças pelas quais passou o referido quadro teórico nos últimos trinta anos, tomarei como referência, entretanto, o segundo tempo do modelo, que tem início em 1992 com o texto: “*Processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de mudança*” e os trabalhos que lhe sucederam, a fim de evitar uma longa e desnecessária digressão.

Uma característica fundamental do trabalho de De Lemos é que se trata de uma proposta que, em função de um sólido compromisso com a fala da criança, empreende um esforço de teorização que a distingue de outros estudos do campo igualmente designados de “interacionistas”. Na direção indicada Lier-De-Vitto & Carvalho (2008), entendemos que tanto o “Interacionismo”, quanto a “interação” são palavras que circulam livres e são utilizadas, na área de Aquisição da Linguagem, sempre que se quer dizer algo sobre a relação mãe-criança - via de regra, *interação* é sinônima de *comunicação* (pré-linguística ou verbal). Dito de outra forma, em sua generalidade, o termo “**Interacionismo**” nomeia **propostas que incluem o outro**. Assim, se propostas interacionistas convergem ao incluir o outro no processo de aquisição, elas podem divergir profundamente no modo de explicação relativamente às mudanças que operam na fala da criança em sua trajetória de *infans* a falante.

A partir do texto de 1992, De Lemos se distancia das propostas ditas interacionistas ou sociointeracionistas, em função dos impasses que tal perspectiva teórica enfrentava para explicar como processos intersubjetivos participam das mudanças operadas na aquisição da linguagem pela criança, especialmente, quando se considera a especificidade no processo de estruturação de uma língua que envolve morfologia, sintaxe e semântica. A organização de tais substratos linguísticos,

segundo De Lemos (2006), acabava por ser explicada por meio de um apelo a argumentos inatistas, o que comprometia a consistência epistemológica das propostas. As visadas sociointeracionistas, segundo ela, compreendem aquisição de linguagem como uma atividade cognitiva, em que a criança analisa, segmenta e internaliza a linguagem, ou seja, a criança se apropria da linguagem como se esta fosse um objeto de conhecimento, concepção da qual ela se afasta em decorrência do encontro com a Linguística Estrutural (Saussure e Jakobson) relida pela Psicanálise de Jacques Lacan. Sobre isso a autora diz:

[...] no encontro com o que na obra de Lacan (1998 [1966]) remete a um Saussure que a Linguística tinha descartado, aquele que tentou apreender as propriedades mínimas da língua, situadas aquém do que se trata como evidente: unidades, classes e categorias. É o que diz Milner sobre o pensamento de Saussure por ele qualificado de “tentativa que permanece surpreendente e admirável. Ela obriga os linguistas a não tomar nada como evidente” (DE LEMOS, 2002, p. 51).

Sob efeito do encontro com esses autores advém a possibilidade de ultrapassar a apreensão da fala da criança como evidencia de conhecimento da língua, ainda que fosse necessário produzir um dizer sobre a presença da língua na fala heterogênea e cambiante da criança, nas palavras da autora:

[...] havia algo a dizer da língua nessa fala, algo que tomou uma forma primeira através de uma releitura de Saussure em que se privilegiou a teoria do valor, o conceito de sistema como sistema de relações - e não de unidades - regidas pela pura diferença. Enfim, algo sobre o funcionamento da língua na fala inicial ou sobre as relações entre os fragmentos da fala da criança e os enunciados da mãe; algo sobre o funcionamento da língua revelado pelos “erros” enquanto produtos de relações entre cadeias que se cruzam produzindo substituições. (idemibidem)

De Lemos (1992, 1997, 2002, 2006, entre outros) com Saussure, indica que em relação ao funcionamento da língua, seja na aquisição ou nos atos do falante está em jogo o que Saussure nomeou de “condições permanentes” que impossibilitam tanto a assunção de uma perspectiva desenvolvimentista, quanto a concepção de que a aquisição de linguagem seja fruto de operações cognitivas. Ela diz:

Considerando essas condições permanentes é mesmo impossível conceber a linguagem como objeto de conhecimento a ser adquirido pela criança como sujeito epistêmico, cujas propriedades perceptuais e cognitivas precedem e determinam sua aproximação à linguagem. É a linguagem, ou melhor, *le langage* - e nela está incluído o outro enquanto semelhante e, na sua diferença, enquanto “outro” - que precede e determina a transição da criança do estado de *infans* para o de falante. Em outras palavras, a criança é capturada por *le langage*, atravessada e significada como é pela *parole* do outro, matriz de sua identificação como semelhante - e membro da comunidade linguística e cultural - e como dissemelhante, referido a uma subjetividade figurada como individual (DE LEMOS, 2007 p.27).

Com a releitura de Saussure era possível de abordar a mudança na fala da criança de um ponto de vista estrutural, “porque ele oferece uma visão de linguagem compatível tanto com questões epistemológicas quanto com os argumentos empíricos do Interacionismo” [...] De Lemos propôs abordar *la langue* e seu funcionamento nas falas imprevisíveis e altamente heterogêneas da criança” (LIER DE VITTO & CARVALHO, 2008, p.135).

Entretanto, a possibilidade de dizer algo sobre os movimentos que caracterizavam as mudanças na fala da criança Segundo De Lemos (1992) “se concretizou, porém, na releitura do admirável texto de Jakobson (1963[1956]) sobre os processos metafóricos e metonímicos, em que as relações associativas e as relações sintagmáticas de Saussure eram reinterpretadas a partir das figuras de linguagem - a metáfora e a metonímia - tidas como sua “expressão mais condensada” (op. cit.: 61) (idemibidem).

Desse modo, De Lemos (1992) ao aproximar-se do estruturalismo europeu deu uma nova direção à sua proposta teórica, especialmente no que tange à noção central de funcionamento da língua, conforme Saussure. Nessa aproximação, a autora lança mão desses dois processos, forjados por Jakobson, que com eles articulou língua e fala, a saber: os processos metafóricos e metonímicos que respondem pelo funcionamento da língua, e que passam a ser entendidos como “mecanismos descritivos e explicativos” das mudanças que operam na fala da criança.

Nesse gesto, ela afasta-se definitivamente de uma visão desenvolvimentista e adota uma perspectiva estrutural com o objetivo de explicar a aquisição de linguagem, a partir da relação sujeito-língua-fala, e a interação passa a comportar um terceiro elemento: a língua. A proposta de De Lemos (1992, 2002) entende a mudança na fala, na passagem de *infans* a falante enquanto mudança de posição em uma estrutura de três polos. Com isso toma distância de uma concepção de interação entendida como relação empírica, ou relação dual entre a criança e o outro. Como diz De Lemos (1992):

o outro é instância do funcionamento da língua”, ou seja, é outro determinado pelo Outro/língua. “Outro” que não só vem como condição de possibilidade de interação/dialogo, mas que é condição mesma de haver falante. Quero dizer que a linguagem tem anterioridade lógica sobre o sujeito, que ela é causa de haver sujeito (como disse Lacan) e, por decorrência, interação. Assim, a interação é assumida como “triádica” - o que imprime uma diferença radical de natureza da reflexão que se pode encaminhar sobre a Língua Materna. Esse pensamento opõe-se ao empirismo da relação dual (à intersubjetividade/patológica/social) porque introduz nela uma outra existência, uma força motriz, embora não observável a olho/ouvido nu(s) (DE LEMOS, 1992).

Incluir a **ordem própria da língua**, no modo de abordar a aquisição de linguagem, foi um ponto que produziu uma distinção entre a proposta interacionista de De Lemos e as demais propostas interacionistas da área de Aquisição da Linguagem. Sobre isso Lier-DeVitto & Carvalho (2008) assinalam que implicar a **língua como**

sistema cria barreira para que a língua “seja concebida como passível de ser parcelada e ordenada (como em descrições gramaticais). De fato, o impedimento é teoricamente imposto por uma **reflexão estrutural** que se opõe à implementação de um raciocínio teleológico, ou seja, à explicação do percurso da criança na linguagem como um desenvolvimento gradual e sucessivo” (LIER-DE VITTO & CARVALHO 2008, p. 135 na citação tem negrito)

De Lemos (1992, 1997, 2002), para tratar das mudanças na fala da criança como mudança de posição na estrutura sujeito-língua-fala define três posições, quais sejam:

a primeira posição, pela dominância da fala do outro, na segunda posição, pela dominância do funcionamento da língua e, na terceira posição, pela dominância da relação do sujeito com sua própria fala. É na terceira posição que a criança enquanto sujeito se divide entre aquele que fala e aquele que escuta sua própria fala, sendo capaz de retomá-la e reformulá-la e reconhecer a diferença entre a sua fala e a fala do outro, entre a instância subjetiva que fala e a instância subjetiva que escuta de um outro lugar (DE LEMOS, 1999-2000, p. 3).

Assim, na primeira posição, a fala da criança é caracterizada por repetições ou presentificações de fragmentos da fala do outro, trata-se de uma criança alienada ao outro. Na segunda posição, a sujeito estaria alienado ao próprio movimento da língua que se dá a ver especialmente no “erro”, nas expressões imprevisíveis e no paralelismo, acontecimentos característicos dessa posição. A criança consegue mover-se na estrutura da língua fazendo substituições que remetem às operações metafóricas e deslocamentos às operações metonímicas. Mas, ela é impermeável à correção porque não pode incidir em sua fala com uma escuta, como diz Lier-de-Vitto e Fonseca (2001).

A terceira posição *“representa um deslocamento do falante em relação à sua própria fala e à fala do outro”* (1997), uma transformação na “escuta”. Do ponto de vista fenomênico, nota-se uma identificação da fala da criança com a língua constituída, um efeito de “estabilidade” que é concomitante à presença de pausas, reformulações e correções. Mas, De Lemos pontua:

[...]classificar esses enunciados como evidência de capacidade metalinguística equivaleria, com efeito, a camuflar o hiato entre essa fala que insiste no erro e a escuta que reconhece esse erro. [...] Pausas, reformulações e correções não ocorrem sempre onde se faria necessário e podem ocorrer quando não parecem necessários, não sendo, portanto, previsíveis, como a noção de metaconhecimento, ou mesmo monitoração da fala, o exigiria (DE LEMOS, 2002, p. 62).

Segundo Fonseca (2002), esses acontecimentos indiciam, de todo modo, uma mudança estrutural: o sujeito emerge em outro intervalo: entre fala e escuta, entre a “*instância que fala*” e a “*instância que escuta*” ... mas ele se escuta, **fica sob efeito da própria fala**: “*efeito de diferenciação [...] que se apresenta como [...] avesso do processo metafórico*” (1999). Diferenciação, que diz respeito ao processo de subjetivação como “avesso”, como outra face da moeda da objetivação da linguagem.

Importante chamar a atenção, após a apresentação das três posições, para o fato de que a mudança, assim concebida, recua a ótica teleológica. De Lemos insiste que não há superação de uma posição pela outra, mas uma relação de dominância entre elas. Pode-se dizer que há “erro” nas três posições e que há “escuta”, mas o perfil desses acontecimentos e o quanto insistem ficam na dependência da posição dominante da criança frente a língua, a fala própria e a do outro.

Vale assinalar, entretanto, que a introdução ordem própria da língua impôs outra exigência teórica, isto é, fez-se necessário produzir reformulações ainda mais complexas no modelo teórico de De Lemos (2002), a fim de incluir uma concepção de sujeito compatível com a perspectiva estrutural em questão.

O retorno a Saussure, a introdução de *la langue* no Interacionismo, impulsionou a explicação da **mudança como estrutural** e pressionou teoricamente a articulação, na proposta, de “um sujeito (...) mais compatível com a concepção de língua na teorização da Linguística” (DE LEMOS, 2002, p. 54).

De acordo com Lier-De Vitto & Carvalho (2008), De Lemos a partir do encontro com a Psicanálise lacaniana produz um deslocamento em seu trabalho que afeta e transforma “a concepção de *criança* e de *mudança* [...]”. A criança está numa estrutura e é, enquanto *vir-a-ser*, falada pelo outro-falante - *instância da língua constituída* – e, portanto, pelo Outro-língua (o outro é, então, ponto de articulação entre língua e fala)”(p. 136). A criança como destacam as autoras (idem) é concebida como *corpo pulsional*, corpo interpretado e que demanda interpretação, e *não* um indivíduo, assinalam que nem de um ponto de vista orgânico, nem de um ponto de vista psicológico organismo e sujeito coincidem”.

A aquisição da linguagem para De Lemos, com o movimento que teve início em 1992, passa a ser definido como um processo de subjetivação configurado por mudanças de posição da criança numa estrutura em que *la langue* e a *parole* do outro estão indissociavelmente relacionados a um “corpo pulsional”, ou seja, à criança como corpo cuja atividade demanda interpretação. Uma criança que é “capturada” pelo “funcionamento linguístico-discursivo que não só a significa como lhe permite significar outra coisa, para além do que a significou” (DE LEMOS, 2002, p. 55).

Vale enfatizar que a Psicanálise de orientação lacaniana foi determinante na trajetória do Interacionismo, e responde em grande parte por sua singularidade e originalidade.

De Lemos pode deslocar a concepção de criança e de mudança: criança é “corpo pulsional” (significado e significante, que demanda interpretação) e mudança é estrutural (e não desenvolvimento) e explicada por “processos metafóricos e metonímicos - leis de composição interna da linguagem” (LIER-DE VITTO & CARVALHO, 2008, p.129). Mudanças de posição na estrutura ocorrem por efeito do funcionamento da língua na fala e no corpo do falante (TESSER, 2012, p. 28 a 29).

Cabe finalmente interrogar como os pontos essenciais das transformações operadas no modelo, quais sejam: a introdução de *La langue* na descrição e explicação das mudanças operadas na fala, a recusa da epistemologia sujeito-objeto

e assunção da hipótese do inconsciente afetam as questões relativas à Língua Materna apresentadas na Introdução desta dissertação.

Pereira de Castro (2006b) foi a pesquisadora que, a partir da perspectiva Interacionista de De Lemos, deu início a uma reflexão sobre esse conceito. Ela entende que a Língua Materna é “aquela que define o sujeito como falante, isto é, que passa a qualificá-lo a partir desse momento lógico de captura por um modo de funcionamento, sempre dividido entre *lalangue* e língua, entre a língua e a possibilidade de equívoco” (PEREIRA DE CASTRO, 2006b, p.143). Por isso, quando se fala em Língua Materna, introduzimos a noção de captura. Desloca-se, assim a ideia de um sujeito cuja identidade se define pelo uso da língua e o sujeito passa a ser concebido como sujeito da língua, trata-se, portanto, de um *efeito-sujeito* e a Língua Materna é o momento de constituição desse efeito sujeito.

Sobre a Língua Materna, Pereira de Castro (2006b) esclarece que:

Note-se ainda que a língua materna seja definida por Lacan como uma “ocupação”, termo que é em parte fruto da leitura que o autor faz, com Freud, da obra de Saussure (1968), que exclui a possibilidade de se tomar a língua como função do sujeito falante, invertendo a relação sujeito do conhecimento-objeto ao propor que o falante “registra passivamente” a língua (Saussure, op.cit:30), abrindo caminho para o reconhecimento do primeiro como efeito desta (PEREIRA DE CASTRO, op. cit. 2006b, p.142 a 143).

De acordo com Pereira de Castro (2006b) há, nessa vertente do Interacionismo em aquisição de linguagem, elementos “para que se atribua à **língua materna** um lugar peculiar, para que se reconheça - com o linguista Jean Claude Milner⁵ - a necessidade do seu deslocamento conceitual: da configuração numerável, de simples equivalente à primeira língua, para o lado que a impede, justamente, de fazer número com as outras línguas, de lhes ser acrescentada, comparada” (PEREIRA DE CASTRO, 2006b, p.141).

⁵ Tomarei neste momento, sobretudo, o trabalho de 1978 de Milner, sem ignorar, contudo, que em 1983 o autor retoma a questão da língua materna, formulando modificações na sua hipótese anterior.

Nas palavras de Veras (2008), para Milner a Língua Materna é aquela que a linguística não trata justamente, porque ela excede gramáticas e teorias, ela pertence ao eixo da poesia, dos lapsos, dos jogos de palavras. Como assinala a pesquisadora “Essa língua pode ser qualquer língua que materne um falante, que faça dele sujeito. Essa língua primeira é aquela que vai ser recalcada pelas leis da língua que captura a criança em suas malhas” (VERAS, 2008, p. 116).

Como se vê tocar a questão da Língua Materna impõe que seja empreendida uma reflexão sobre a língua e sobre aquele que por efeito de captura se faz falante. Passemos agora às ideias de Saussure, uma vez que a releitura deste autor promoveu, como vimos uma subversão no entendimento da mudança, que permitiu ressignificar a passagem de *infans* à falante no campo da aquisição de linguagem, mais que isso, deslocou a ideia de aquisição como um conhecimento da língua do qual a criança se apropriaria.

1.2.1. Sob os efeitos do estruturalismo: Saussure e a Língua

Na retrospectiva que De Lemos faz de sua própria trajetória no campo da aquisição de linguagem, ela faz referência aos impasses enfrentados na lida com a fala da criança, especialmente no que tange à mudança, à impossibilidade de descrição e aos mistérios, que envolvem seu ponto de partida. Para ela, como já assinalamos:

uma saída é vislumbrada no encontro com o que na obra de Lacan (1998[1966]) remete a um Saussure que a Linguística tinha descartado, aquele que tentou apreender as propriedades mínimas da língua, situadas aquém do que se trata como evidente: unidades, classes e categorias. É o que diz Milner sobre o pensamento de Saussure por ele qualificado de “tentativa que permanece

surpreendente e admirável. Ela obriga os linguistas a não tomar nada como evidente (DE LEMOS, 2002 p. 52).

Impossibilitada de apreender a fala da criança como evidência de conhecimento da língua, dado que ela era determinada pela fala do outro, heterogênea e resistente à apreensão de regularidades e de pontos de mudança, De Lemos pôde ver que “havia algo a dizer da língua nessa fala, algo que tomou uma forma primeira através de uma releitura de Saussure em que se privilegiou a teoria do valor, o conceito de sistema como sistema de relações e não de unidades regidas pela pura diferença” (idemibidem).

Da concepção saussureana de língua, segundo a autora, decorre impossibilidade de pensarmos em aprendizagem e acrescenta que sua natureza enquanto sistema também decorre a impossibilidade de submetê-la a uma série ordenada de apreensões parciais, como implicado pela noção de desenvolvimento (Idem p.55).

1.2.2. Língua como objeto da Ciência

Passemos ao trabalho de Saussure. Faremos uma pequena introdução sobre a novidade que o autor implantou. De acordo com Rodrigues (1975), a novidade de Saussure foi justamente a de rejeitar a visão de língua como um objeto dado e postular uma nova perspectiva que se opunha a concepção dos gramáticos, filósofos e comparatistas que adotavam uma concepção fortemente empirista. Para eles, a língua era concebida como uma realidade ontológica acabada, como objeto-problema dado, dotada de uma organização interna própria, cabendo ao linguista, a tarefa de explicitá-la.

Para autor o objeto linguístico não é o objeto dado, mas o objeto posto, constituído, produzido pelo trabalho de investigação. Saussure estabelece na investigação linguística a relevância do teórico sobre o empírico, da *Langue* sobre a

Parole. Assim para Saussure, a língua é reconhecida como um sistema que conhece sua própria ordem e é este reconhecimento que permite fundar a linguística como ciência, rompendo com a tradição de pensar a língua como representação.

Rodrigues (idem) aponta que Saussure toma outra posição nos estudos sobre a linguagem. Para ele, a língua é uma produção da ciência, um conceito que deve permitir a compreensão das línguas empíricas. A Ciência saussuriana busca a elaboração de um modelo capaz de explicar ocorrências observáveis no nível do discurso linguístico. Na medida em que Saussure define o objeto da ciência como a “Língua” e esta como sendo produção teórica, verifica que este objeto posto se converte num modelo com o qual se analisam as línguas empíricas, isto é, a maneira pela qual cada uma se apresenta como estrutura ou como sistema. Assim, a ciência de Saussure realiza um movimento permanente entre o teórico e o empírico.

A concepção de Ciência inscrita na obra de Saussure, diz Rodrigues (1975), não permite uma simples captação de dados para determinar com “clareza e distinção” a natureza e caminhos de sua investigação. Segundo o autor:

O ato de operar uma análise científica é tão complexa e difícil quanto o decidir o fato a ser analisado é exatamente o que se encontra diante do investigador. O ato de escolher o objeto envolve uma decisão metodológica. O “fato bruto”, a matéria linguística e em sua aparência imediata segundo Saussure, é um atodo amorfo, significantes sem significados, sons sem articulação, coisas não objeto (RODRIGUES, 1975 p.15).

A Língua é, portanto, segundo Rodrigues (1975), o objeto primeiro que será tomado por norma, isto é, a partir dele deduzir-se-ão todos os outros elementos entre os componentes da linguagem. É o objeto científico da Linguística, não é a síntese das línguas do mundo, mas o sistema através do qual chegaremos ao conhecimento das línguas do mundo, como sistema. Ao definir a língua, Saussure a define como Sistemas de Signos. E os Signos formam também um sistema de relações entre significantes e significados, relações estas que produzem um valor.

As línguas concretas, a realidade empírica, constituem elementos valiosos na construção e efetivação da ciência da Linguagem. Rodrigues (idem) diz que Saussure não despreza a ordem empírica, pois ela é, em última instância, o fim da ciência que em seu exercício deve, para ele, encontrar uma explicação, isto é, deve dotá-la de sentido. Para o autor, o fato de considerar as línguas como objeto concreto da linguística não é inovador em Saussure, mas, realmente, novo nele, é a postura metodológica que dá nova definição à ciência da linguagem e lhe redefine o próprio objeto.

Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício desta faculdade de linguagem. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; os cavaleiros de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio do individual e ao domínio do social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação (SAUSSURE, 2006, p.17).

Segundo Rodrigues (1975), Saussure produz um salto, uma reviravolta epistemológica nos estudos linguísticos que se desenvolviam. Ele destaca que até então, toda descrição linguística começava pela linguagem em geral (línguas empíricas), que apareciam como exemplos mais ou menos completos das manifestações de linguagem. Saussure coloca a necessidade de se começar com uma opção teórica: determinar a Língua como ponto de partida para o estudo das línguas, demonstrando não se poder separar o estudo da Língua do estudo da Linguagem.

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma essência tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física. Sem dúvida, esses dois objetos são estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes (SAUSSURE, 2006, p.27).

Esta colocação de Saussure instaura a interdependência entre o observador e o objeto observado. A língua não é só nomenclatura, só gramática, a língua é um sistema de relações. Também, a Língua não é a língua social, mas o objeto elaborado pela ciência, modelo construído. Não é a síntese das línguas empíricas, mas o código através do qual chegamos ao conhecimento das línguas: é um significante à espera de seu preenchimento. As línguas são estruturas cuja realidade a Língua, posta pela investigação do linguista, vem desvendar.

Rodrigues (1975) afirma que para Saussure, as línguas empíricas podem ser analisadas como pertencentes a uma dinâmica da vida social, produção dos falantes que organizam um corpo de sinais necessários para a vida social. Não é produção de nenhum falante em particular, mas é uma produção cultural pertencente a toda a comunidade historicamente determinada, pois, segundo Saussure, não importa a que época remontemos, por mais antiga que seja, a língua aparece sempre como herança da época precedente. A Língua é uma produção da ciência para unificar e preencher o caos representado pela empiria. Ele é, pois, o que dá sentido à empiria, o que lhe dá valor. Essa possibilidade do sistema decorre de que a realidade da linguagem é a de uma estrutura.

Para Saussure, a língua é “um todo por si e um principio de classificação” (SAUSSURE 2006, p.17), e deve somente buscar a classificação a partir de sua ordem própria. Cada língua apresenta um único sistema, por isso, não é possível proporcionar a tradução exata das palavras de uma língua para outra. E homogêneo

que tenham sistemas, porém cada sistema pode ter aspectos particulares e, portanto, estes são heterogêneos uns aos outros.

Saussure distingue *langue* e *parole*, elege a língua como sistema e dedica-se a *lalangue*. Pode-se afirmar que:

o mérito de Saussure consiste em lançar as bases para a compreensão do conceito de estrutura, palavra-chave para o desenvolvimento do pensamento linguístico e das ciências sociais a partir da década de 40. Para Saussure, a língua é um sistema homogêneo, um conjunto de signos exterior aos indivíduos e deve ser estudado separado da fala. Para ele, o estudo da fala seria problemático, por envolver todas as possibilidades imprimidas nela pelos falantes, impossibilitando sua análise científica. “A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado” (CLG, 1989, p.16). Embora não tenha estudado a evolução da língua, Saussure a define como um agente transformador da linguagem e com isso suscita, no futuro, o estudo também da fala. Nas palavras do autor “[...] tudo que é diacrônico na língua, não o é senão pela fala (*parole*). É na fala que se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada, a princípio, por um certo número de indivíduos, antes de entrar em uso” (BRAZÃO, 2010, p.36).

Saussure propõe compreender a língua como sistema de valores, assim é possível compreender o jogo que a coloca em funcionamento. O signo linguístico, para ele, só tem valor dentro de um sistema, sistema este composto de relações e oposições.

Note-se que, para Saussure, **a definição da língua como sistema** cujo funcionamento é, por isso mesmo, inerentemente sincrônico, incide essencialmente sobre o caráter negativo da unidade linguística, fundada na diferença pura e acarretando, portanto, a **impossibilidade da descrição** enquanto apreensão de unidades linguísticas em si. Isso coloca uma questão central para os estudos do

campo da aquisição da linguagem. As consequências de tal afirmação para o trabalho de Claudia De Lemos, serão discutidas no final deste capítulo.

1.2.3. Língua e Teoria do Valor

Rodrigues (1975) utiliza duas direções para analisar o valor em Saussure: um valor próprio do Signo, não definível, não especificado, pois não passa de um conceito mental e um valor que chamaremos Valor de Uso, produzido no funcionamento dos Signos na cadeia de Signos que geram os Sintagmas e as relações associativas, valor este identificado na significação, não abstrata, mas concreta.

Ao examinarmos a teoria do valor⁶ proposta por Saussure, é pertinente destacar, assim como o próprio linguista já havia notado, que a relação entre o significante e o significado, que por sua vez constituem um signo, resulta da presença simultânea de outros signos na qual um signo só terá valor numa relação opositiva com outros elementos e, desta forma, impossibilitado de significar as coisas em si mesmas.

uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante: uma ideia; além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza; uma outra palavra. Seu valor não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser trocada por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com as palavras que se lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente (SAUSSURE, 2006, p.134).

⁶ Teoria do Valor encontra-se em seu livro Curso de Linguística geral.

Dessa forma, conforme assinala Brazão (2010), o sistema linguístico torna-se um lugar em que as diferenças são determinantes para o sistema, nenhum som, ou conceito existe, a não ser quando colocado em oposição a outros sons ou conceitos existentes na língua e não fora dela. Portanto, as palavras são tomadas pela relação com outras palavras vizinhas no sistema, não tendo seu valor determinado em si.

Silveira (2009) discute o lugar da Teoria do Valor, formulada por Saussure (1857-1913). Segundo a pesquisadora, no Curso de Linguística Geral encontra-se no capítulo sobre a Teoria do Valor com a seguinte ordem: na primeira parte, é apresentada a teoria da língua enquanto sistema, na segunda fica em destaque a natureza do significado a partir da teoria do valor, na terceira parte, temos a exposição do significante submetido ao sistema da língua e, finalmente, na última parte, nos é apresentado o signo na sua totalidade funcionando a partir de relações puramente diferenciais constituindo o sistema da língua.

De acordo com Silveira (2009), o que se refere à parte material da língua, há um funcionamento regido pelos mesmos princípios que dirigem o caráter diferencial no seu aspecto conceitual. A autora cita um trecho CLG, no qual o valor é constituído por relação e diferenças:

[...] com os outros termos da língua, pode-se dizer o mesmo de sua parte material. O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação (SAUSSURE, 2006, p.137).

Assim, Silveira (2009) refere que significante é a-substancial e nada se pode dizer dele a não ser pela relação estabelecida no sistema linguístico. Dessa forma, o som não é responsável pela sua delimitação e sim as diferenças fônicas que estarão inscritas na língua.

Silveira (2006) sublinha que o valor depende das relações existentes no sistema, ou seja, o valor corresponde a conceitos que são diferenciais, “definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com outros termos do sistema” (SAUSSURE, 1916-2006, p.136). A pesquisadora destaca

que o valor é diferenciado da significação, no caso do primeiro, há uma presença desprovida de propriedades intrínsecas e para se dizer da presença (como positivo) se faz necessário recorrer a uma ausência (ao negativo) que opera na presença. Assim, é possível ler no trecho abaixo a explicitação do próprio sistema da língua:

A alteridade de qualquer elemento da língua só poderia estar no próprio sistema da língua e assim, se ele for encontrado no social, ou no cultural, ou no ideológico, cabe perguntar se essas “instâncias”, ao se constituírem enquanto discurso, têm alguma possibilidade de não serem produzidas como uma linguagem e assim, também estarem sujeitas a um mesmo funcionamento estrutural. As propriedades na língua estão subditas às relações e estas se dão com outros termos do sistema. O valor na língua não depende de uma exterioridade que não seja a própria língua e a significação depende da relação que confere à negatividade o papel regulador de qualquer positividade na língua. Essa elaboração teórica implica em tomarmos a língua em seu funcionamento específico sem submetê-la a função de representação do pensamento (SILVEIRA, 2009, p.50).

Dessa forma Silveira (2009), assinala que o *Curso de Linguística Geral* introduz reflexões sobre a língua que focalizando a organização/sistema/estrutura língua, mas pode-se dizer que, nesse passo, reelabora também a relação entre pensamento e língua.

Silveira (2006), assinala que a elaboração da Teoria do Valor, por Saussure, ao estabelecer que o signo linguístico é composto por significante e significado, torna possível mais de uma saída para o funcionamento desse signo: “a) colmatar significante e significado”; b) dar privilegio ao funcionamento do significado e c) dar privilegio ao funcionamento do significante” (p.40). A autora afirma que não é possível considerar essas três possibilidades na pesquisa linguística.

No caso da Aquisição de Linguagem, houve uma predominância do significado ou do signo linguístico, sem considerar qualquer distinção entre significado e significante em seu funcionamento. Silveira (2006) faz referência ao trabalho de De Lemos (1992), e destaca o privilégio dado ao funcionamento do

significante. “Sabemos, então, que a própria teoria saussureana permite que se entorpeça a descoberta - uma ordem própria da língua - porque, ao pensar o funcionamento do significante redutível ao do significado obturamos exatamente aquilo que é base material do significado, ou seja, o significante” (p.40). Assim, Silveira (2006), demonstra que De Lemos, retorna a Linguística e avança no sentido de uma proposta estrutural no que concerne às mudanças que se operam na fala da criança, ou seja, ela faz um retorno a ordem própria da língua que, considerada na sua radicalidade, implica uma outra perspectiva da relação adulto-criança.

Ao analisarmos aquisição da linguagem a partir da Teoria do Valor proposta por Saussure, acreditamos que a criança se depara com uma cadeia de signos que possui sua própria ordem. No processo de relação entre a criança e a língua podemos observar a estrutura da língua em movimento através das relações paradigmáticas, em que os elementos de uma cadeia são substituídos por outros; e das relações sintagmáticas nas quais alguns elementos são deslocados.

Silveira (2006) retoma os passos de De Lemos (1992) e destaca a partir de Saussure, discute a aquisição da linguagem a partir das relações sintagmáticas e paradigmáticas:

A primeira ordem responderia pelas relações entre entidades linguísticas e as que seguiriam na cadeia da fala. Essas combinações seriam denominadas sintagmas e o valor de uma entidade seria determinado pela sua oposição em relação as entidades que a antecedem ou a seguem. Dessa forma, as relações sintagmáticas são denominadas relações *in praesentia*. A ordem se vê definida por relações *in absentia*, pois se referem a entidades não presentes na cadeia. Essa classe de relações é denominada associativa e conhecida como paradigmática [...] (SILVEIRA, 2006, p.42).

Como se vê para Silveira (2006), tanto as relações paradigmáticas quando sintagmáticas explicam um movimento da língua. De Lemos articula , ainda, os processos metafóricos e metonímicos, propostos por Jakobson (1954), para colocar em movimento as relações sintagmáticas paradigmáticas visando abordar o

acontecimento, isto é visando explicar os efeitos dialógicos na mudança que ocorrem na fala da criança.

Introduzir a noção de língua conforme proposta por Saussure e movimentada por Jakobson, para o campo da aquisição da linguagem foi obstáculo, portanto, para que se entendesse a entrada da criança na linguagem a partir da noção de:

[...] desenvolvimento que, emprestada à Psicologia, [que] subordina essa análise a uma sucessão cronológica de estados/estágios de conhecimento linguístico. O que se nega [nos estudos psicolinguísticos], portanto, é o próprio conceito de língua do qual parte a teoria linguística, o qual não é da ordem do parcelável, nem permite a concepção de estágios e muito menos de uma ordenação cronológica em termos de uma complexidade crescente (DE LEMOS, 1998, p, 6).

De Lemos a partir da Teoria do Valor de Saussure, segundo Tesser (2007), oferece o significante como possibilidade de responder pelo terceiro elemento: “A inclusão da língua como um sistema de valores , conforme refletida por Saussure, sustenta que “determinação categorial” é efeito das relações entre elementos no interior do sistema; isso tornou possível a abordagem teórica e empírica da fala da criança acolhendo a heterogeneidade que nela faz presença” (TESSER, 2007, p. 67). Como se vê, a ideia de que língua só conhece sua ordem própria e a teorização sobre o conceito de valor produziram um deslocamento importante cujos desdobramentos produziram efeitos, como já assinalamos anteriormente, nos estudos sobre a aquisição de linguagem.

De Lemos, Lier-DeVitto, Andrade, e Silveira (2004) indicaram que é possível destacar na trajetória de De Lemos três movimentos distintos feitos na direção do pensamento de Saussure. O primeiro foi o reconhecimento da marca da fala do outro na fala da criança, a heterogeneidade desta fala que impossibilitava a distinção “acerto vs erro”, dado que acerto e erro coocorriam, isso, por sua vez era obstáculo para a descrição da fala da criança em termos de unidades e categorias:

Mais que isso, tornou-se impossível atribuir a esta fala o estatuto de evidência empírica de conhecimento linguístico adquirido. Desse reconhecimento adveio, pois, tanto a necessidade de buscar uma teoria linguística que não tivesse categorias como primitivos, quanto a de pensar a criança enquanto sujeito em oposição seja à teoria de aprendizagem, seja à teorias elaboradas a partir da linguagem enquanto objeto de conhecimento. Isso significou, nesse primeiro momento, uma passagem pelas teorias psicológicas, em busca de uma outra concepção de linguagem e de sujeito falante (DE LEMOS, LIER- DEVITTO, ANDRADE e SILVEIRA, 2004, p. 172).

No segundo momento, deu-se o reconhecimento “de que a psicanálise lacaniana oferecia um sujeito definido não só pelo inconsciente e, portanto, pela sua divisão, quanto por essa divisão ter como causa a linguagem”. Linguagem, que se define, a partir da radicalização da leitura de Lacan da teoria do valor de Saussure e, também, das operações linguísticas definidas por Jakobson (1966), como processos metafóricos e metonímicos (DE LEMOS, 1992, 2002).

O terceiro momento decorre do segundo acima referido, pois a noção de desenvolvimento será abandonada em favor de uma concepção de mudança de posição numa estrutura cujos polos são a língua, o outro e a criança.

Note-se que para isso, como indicam as autoras, foi “crucial inclusão do conceito de língua enquanto funcionamento inerentemente sincrônico que, por isso mesmo, oblitera o diacrônico que se dá na fala, seja enquanto acontecimento temporal seja enquanto embate circunstancial com a fala do outro - nicho de relações e, portanto, de mudanças”⁷ (DE LEMOS, LIER- DEVITTO, ANDRADE, e SILVEIRA, 2004, p. 172).

Sobre isso Silveira (2006) assinala que, De Lemos ao reintroduzir uma teorização particular sobre a Língua para a Aquisição da Linguagem, introduz um sujeito-efeito-de-significantes, autorizada pela escolhas dos autores reinterpretados

⁷ Lier-DeVitto, a partir de De Lemos e sob os efeitos da leitura de Saussure, pôde encaminhar uma reflexão inédita sobre as ditas patologias de linguagem e para a clínica de linguagem. Assuntos da clínica como: as afasias, os ditos retardos de linguagem, os distúrbios de leitura e escrita, a gagueira, entre outros quadros puderam ser pensados a partir da articulação sujeito-língua-fala.

por Lacan. Silveira (2006) cita um trecho interessante no qual De Lemos (2000) fala de sua trajetória:

(...) mais precisamente, à releitura de Freud feita por Lacan, releitura essa que vincula a descoberta do inconsciente à determinação do humano pela linguagem. Ainda que tenha sido o estruturalismo e, em particular, a teoria do signo e do valor em Saussure que tenham conduzido a essa elaboração, sua noção de significante, que implica a de cadeia significante, não só permite definir a inserção do sujeito na língua pela sua emergência na cadeia, como faz da sintaxe das línguas naturais uma manifestação primordial do funcionamento simbólico (DE LEMOS, 2000 apud SILVEIRA, 2006 p.53).

Para finalizar, vale destacar que Silveira (idem) ressalta que o retorno à Linguística deslocou o conceito de interação, que perdeu seu caráter empirista em função da introdução da língua como um terceiro elemento na relação mãe-criança. A interação se dá entre cadeias da língua e não entre sujeitos, e é esta nesta relação entre cadeias que pode “promover a emergência de um sujeito”. Isso implicou, como se vê a inclusão do sujeito do inconsciente nos estudos de aquisição de linguagem.

Desta forma, meu objetivo, ao introduzir essa pequena retrospectiva do trabalho de Saussure, foi indicar que em uma visada estruturalista como a do autor interdita o entendimento da aquisição de linguagem a partir da relação sujeito–objeto, isto é, o estruturalismo:

pressupõe a impossibilidade radical de acesso ao que se tem como “objeto”. A partir de uma visão estruturalista que, vale lembrar, deve ao funcionamento da língua sua fundação (e não ao contrário), qualquer “objeto” é apenas efeito ou causa de estrutura. Assim, entender a língua enquanto “objeto de estudo” é interditado ao pesquisador. Além disso, a língua não perfaz uma unidade de observação na aquisição da linguagem, já que criança/adulto não são o foco da observação pelo que o olhar constata, mas pela

estrutura que movimenta o que, nessa dupla, se dá como aquisição da linguagem (SILVEIRA, 2006, p.33-34)

Lalangue, como se vê é da ordem do funcionamento, suas leis não são, portanto observáveis. Como assinala Amorim Silva (2012), indica que o interacionismo aproxima-se da “questão do sujeito (que a Linguística desconhece) e aponta para o movimento de De Lemos na direção da Psicanálise” (AMORIM SILVA, 2012, p.84). Mais precisamente, ela assinala o impasse desta pesquisadora, que indica a impossibilidade de compatibilizar o sujeito empírico da aquisição da linguagem – a criança, com o sujeito efeito-de-significante.

Não podemos encerrar este capítulo sem mencionar que a questão é ainda mais complexa do que parece à primeira vista. De acordo com Lemos (2006), que discute o trabalho de Silveira (2006), ainda que por meio da Psicanálise, ou melhor, da leitura de Saussure por Lacan a aquisição de linguagem tenha podido realizar de modo produtivo um retorno à Linguística, isso não significa que “a concepção de sujeito da Psicanálise seja incluída de modo explícito entre os princípios teóricos⁸.” Mais importante, segundo ela, são os perigos da interdisciplinaridade, pois:

quando se fala da relação Linguística/Psicanálise não se trata tanto de algo difícil, mas sim complexo. A relação ou a não-relação da Linguística com a Psicanálise é complexa porque só é possível dizer dessa relação ou não-relação introduzindo um terceiro termo, *que é a Ciência*. Pelo menos, é isto que o texto de Silveira nos permite dizer: *ela introduzir a Ciência como terceiro através da leitura feita por Lacan do gesto de Saussure*” (SILVEIRA, 2006, p.58).

A este respeito Lier-DeVitto (2012), também adverte contra os riscos da interdisciplinaridade e diz que na aproximação entre “a Psicanálise e a Linguística houve afetação, sem dúvida, mas com transformações profundas nos conceitos incorporados”. (LIER-DEVITTO, 2012, apud AMORIM, 2012, p.84). Fato é que

⁸ Como se dá, segundo a análise da autora, em “Los procesos metafóricos y metonímicos como proceso de cambio”, de De Lemos, (2002).

devemos reter desta discussão final um aspecto importante que é destacado por De Lemos (idem) no que diz respeito à questão do sujeito:

Tomar a criança como sujeito é a maneira mais certa e previsível de reencontrar um limite numa consistência imaginária renovada. Chamar esse sujeito do inconsciente ou do significante, nesse caso não mudará nada se existe de modo apriorístico uma equivalência entre sujeito e criança. Uma primeira medida a ser tomada, caminhando na direção de uma análise estrutural nos estudos de aquisição de linguagem, seria a de substituir a expressão fala da criança por fala *de crianças* (LEMOS, 2006, p. 61- 62).

Ela conclui que se a fala é efeito do funcionamento, da estrutura, a fala da criança não é estruturalmente diferente da fala do adulto. Toda fala segundo De Lemos “é a condição necessária para que o sujeito possa desaparecer, escapar entre os significantes, para surpreender num outro lugar, onde justamente não era previsto” (DE LEMOS, idem ibidem). Voltarei a esta questão em breve.

CAPÍTULO 2

LALANGUE, LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA ESTRANGEIRA

Vimos no capítulo anterior, os efeitos da leitura lacaniana do estruturalismo europeu e, especialmente, da introdução do conceito de Língua de Saussure na proposta Claudia De Lemos. A concepção de “captura”, como modo de entrada da criança na linguagem, decorre de tal aproximação, assim como a própria ideia de mudança no percurso de *infans* a falante que passou a ser vista como: “mudanças de posição [da criança] relativamente à fala do outro, à língua e, em consequência, em relação à sua própria fala” (DE LEMOS, 2002 p.56).

Pereira de Castro assinala que “é nesse sentido que pode-se dizer que a aquisição da Língua Materna põe o sujeito na posição de falante, isto é, passa a qualificá-lo a partir desse momento lógico de captura por um modo de funcionamento, sempre dividido entre *lalangue*⁹ e língua” (PEREIRA DE CASTRO, 2006, p.143). Esse passo permitiu que a pesquisadora afirmasse que “a língua

⁹ Apesar das conhecidas traduções do termo francês *lalangue* para o português: ‘alíngua’ ou ‘lalíngua’; optei por manter o mesmo no original, denotando, assim, a aproximação proposta por Lacan e pela preferência das autoras citadas neste trabalho, como Moraes (1999), Pereira de Castro (2006) e Gasparini (2010). Segundo Haroldo de Campos (1995) sobre a *lalangue*: “Ora *lalangue*, pode-se dizer, é o oposto de não-língua, de privação de língua. É antes uma língua enfatizada, uma língua tensionada pela “função poética”, uma língua que “serve a coisas inteiramente diversas da comunicação”⁹. Esse idiomaternal (...) é “*lalangue dite maternelle*”⁹ (lalíngua dita maternal), não por nada - sublinha Lacan - escrita numa só palavra, já que designa a “ocupação (*l'affaire*) de cada um de nós”⁹ (...)[...] Lalia, lalação, derivados do grego *lalé*, têm acepções de “fala”, “loquacidade”, e também por via do lat. *Lallare*, verbo onomatopaico, “cantar para fazer dormir as crianças” (Ernout/Meillet); (...) toda a área semântica que essa aglutinação convoca (e que está no francês *lalangue*, mas se perde em alíngua) corresponde aos propósitos da cunhagem lacaniana (...) O idiomaternal – Lalíngua⁹ – nos “afeta” com “efeitos” que são “afetos” resume Lacan... (CAMPOS, 1995, p. 187-188 apud PEREIRA DE CASTRO, 2006, p.142). Nas citações deste trabalho, porém, ora será empregado o termo ‘alíngua’ ora o ‘lalíngua’, de acordo com a tradução originalmente proposta por cada trabalho citado.

materna deva ser compreendida como uma experiência única, impossível de ser esquecida...” (idemibidem). Para explorar tal afirmação, consideramos importante introduzir uma discussão que articule Língua Materna a “*lalangue*”, isso significa dar um passo em direção à Psicanálise, não apenas por que *lalangue* é termo cunhado por Jacques Lacan, mas porque naquele campo, Língua Materna ganha uma configuração mais precisa.

Leite (2001) interroga o sintagma “língua materna”, assinalando que tal expressão indica a presença incontornável de um sujeito para quem a língua se configura como materna “qual seria a razão desta nomeação se ela não implicasse de imediato um sujeito?”, interroga a autora. A inclusão de “materna”, segundo Leite, faz referência à incidência de um efeito sujeito e marca uma distinção entre o que costumeiramente denomina-se “primeira língua”, ou a língua que naturalmente se aprende com a mãe, daí a ideia de que a língua é materna para uma falante. Mas ela assinala que não se pode supor uma

[...] uma sinonímia entre língua e “língua materna”. Torna-se necessário cercar a especificidade do que está implicado no sintagma, a partir de uma afirmação de diferença radical entre o conjunto de propriedades que nos permite designar algo como um exemplar de língua e as propriedades que fazem uma língua materna para um falante (LEITE, 2001, p. 269).

De acordo com Leite para conceituar a Língua Materna desde a Psicanálise é necessário operar uma distinção entre um sujeito efeito de linguagem e o sujeito tomado como suporte que uma teoria sobre a língua pressupõe. Tal distinção, diz a autora a partir de Milner (1987), indica “uma incomensurabilidade entre o objeto que uma teoria linguística pode circunscrever e isto que se designa como língua materna”. Disso, concluímos que sua posição é de que “enquanto materna uma língua é causa singular do sujeito, matéria fundadora de seu psiquismo. Nomear uma Língua, Materna, é atribuir à língua o estatuto de causação do sujeito” (LEITE, 2001, p. 269).

De acordo com Vorcaro (1997), *Lalangue*, como diz Milner (1987), é um semblante que trabalha pelo equívoco cujo real visa objetivar, já que nenhum nome, por visar a univocidade, pode prestar a isso. “O inconsciente é feito de *lalangue* e a linguagem é o que se tenta saber *sobre lalangue*, que testemunha o saber que escapa ao ser que fala. Isto que faz a imparidade que não saberia ser dita é, em cada língua, o que o inconsciente pratica” (VORCARO, 1997, p.135).

A *alingua* é, pois, uma língua entre outras, enquanto que, ao se colocar, ela impede por incomensurabilidade a construção de uma classe de línguas que a inclui; sua figuração mais direta é a língua materna, da qual basta um pouco de observação para admitir que em qualquer hipótese é preciso uma torção bem forte para alinhá-la ao comum. Mas é imediatamente qualquer língua, enquanto que todas são, por algum lado, uma dentre outras e, para algum ser falante, língua materna” (MILNER, 1987, p.15).

Assim Milner (1987), aponta que *lalangue* é o que faz com que uma outra língua não seja comparada a nenhuma outra, enquanto que justamente ela não tem outra e também que o que a faz incomparável não saberia ser dito. Portanto, a língua não é feita de palavras, mas de *lalangue*.

Para Milner (1978) a Língua Materna é justo aquela que a linguística não trata, porque excede gramáticas e teorias, e pertence ao eixo da poesia, dos lapsos, dos jogos de palavras. Como assinala Veras, a partir do autor, “essa língua pode ser qualquer língua que materne um falante, que faça dele sujeito. Essa língua primeira é aquela que vai ser recalcada pelas leis da língua que captura a criança em suas malhas” (VERAS, 2008, p.116).

Gasparini (2010), pesquisadora voltada para a relação entre Língua Materna e Língua Estrangeira, refere que a Língua Materna, a partir do arcabouço teórico da Psicanálise, pode ser abordada por duas vias diferentes:

A primeira via se refere à castração enquanto operação essencial à constituição subjetiva, e implica a incidência do significante Nome-

do-Pai na suposta relação plena e ideal que a mãe mantém com seu filho, garantindo, a partir de então, a separação entre estes dois seres e a possibilidade de esta criança advir como sujeito e se posicionar no mundo organizado com/pela linguagem. A segunda, via toma a nomeação *lalangue* (Cf. Leite, N. 1996) como matéria original e fundadora do inconsciente, como “*sustentáculo da linguagem*” (Greco, 2005, p. 96) constitutiva e como “*figuração mais direta (...) [da] língua materna*” (MILNER, 1987, p. 15), como fonte da língua-causa do sujeito do inconsciente (GASPARINI, 2010, p.228).

O idioma materno, diz a pesquisadora acompanhando Moraes (2009), porque suportado em *lalangue*, pode ser considerado como inscrição simbólica primitiva sem a qual não há possibilidade de apreensão de uma segunda língua/língua estrangeira, e que este ainda porta os efeitos/afetos de *lalangue* que reverberam, se estendem, sobre este novo idioma.

Para Moraes (2009), a língua pode ser vista como lugar de alteridade radical do sujeito (presentificada pelo desejo), ao mesmo tempo em que o causa. Lacan propõe que se escreva **essa língua** numa palavra só, “**Lalangue**” que é assim por ele concebida:

Lalangue serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação. E o que a experiência do inconsciente mostrou, no que ele é feito de *Lalangue*, essa *Lalangue* que eu escrevo numa só palavra para designar o que é a ocupação de cada um de nós, *Lalangue* dita materna, e não por nada dita assim... numa só palavra, para justamente acentuar os afetos, cujo som é anterior ao sentido... *Lalangue* nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos. Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de *Lalangue*, que já estão lá como saber, vão além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar¹⁰ (LACAN 72-73, apud MORAES, 2009, p.83).

¹⁰ Jacques Lacan, 1972-1973, Mais, ainda. Seminário 20.

Dessa maneira, Lacan alinha *Lalangue* aos afetos, cujos efeitos estão no inconsciente como uma saber anterior à fala, e ela que guarda os efeitos dos afetos, de maneira levar o sujeito esquecido a tentar compreender a estranheza da língua que o causa. “É a maneira de inscrição, no sujeito, da sincronia primitiva dos elementos de linguagem, que vai escrever a língua para esse sujeito” (MORAES, 2009, p.83).

Na mesma direção Vorcaro faz uma articulação que importa a esta dissertação. A psicanalista assinala que a Teoria do Valor, ao ser relida com a hipótese de que a linguagem é condição do sujeito, permite refletir sobre a implantação de uma “matriz simbólica no organismo (antecedendo, necessária e logicamente, o posterior advento da fala)” (VORCARO, 2001, p.273).

Para sustentar sua hipótese Vorcaro opera uma distinção entre linguagem maternante considerada como a linguagem “fundada num laço que ata um organismo humano ao sujeito cuidador” e a Língua Materna, entendida como aquela que faz referência à língua do país natal ou a língua nativa de um falante. A partir dos apontamentos de Melman, ela introduz a definição do autor de que Língua Materna ao dizer que é a língua que interditou aquele que fala, ou nas palavras do autor é aquela na qual funcionou para o pequeno falante, para o sujeito que articula, o interdito de sua mãe. “E a chamamos “língua materna” porque é inteiramente organizado por este interdito que, de algum modo, imaginariza o impossível próprio a toda língua” (MELMAN,1992,p.44).

Segundo o autor, a língua materna é aquela na qual a mãe é interditada pelo pai simbólico, sendo por isso a língua do desejo.

É importante fixar que objeto interditado o que torna uma língua materna pra nós, fazendo dela o nosso *heim*¹¹. É verdade que a língua deve sua significância a este mesmo interdito. A partir daí, graças a seu jogo poético, mas também aos lapsos, deslizos e tropeços que o falante nela introduz, se dá a escutar aos locutores um desejo que lhes é comum (já que é a mesma mãe), e que é sempre desejo de uma coisa diferente do que a língua pode oferecer,

¹¹ O termo alemão *heim* designa o íntimo e familiar, comportando uma referência ao *unheimlich* freudiano (o estranhamento familiar)

uma vez que esta outra coisa esta interdita apesar de ter causado o desejo (MELMAN, 1992, p.32).

Sobre isso, Gasparini (2010) considera que uma língua será materna para um sujeito a partir do objeto que ela interdita, que neste caso é a mãe e por intervenção da instância paterna, esta língua passa a falar o sujeito à revelia de sua vontade consciente, ou seja, “a partir do instante em que nele fala o que lhe falta, em que nele fala o que constantemente o ultrapassa e o embaraça por meio da materialidade suportada naquela língua, agora sua língua materna” (GASPARINI, 2010, p.54). Sendo assim, deve haver o interdito da mãe como objeto primeiro e privilegiado de desejo para que a língua se torne materna para o sujeito. Nesse sentido, podemos pensar que uma língua só será familiar quando houver este interdito da mãe.

Na mesma direção Vorcaro (2001) afirma que “o que separa a linguagem maternante da Língua Materna é o recalque primário. A partir do recalque, o funcionamento da língua na fala vêm lembrar esse corpo interdito, que permite, nos lapsos, deslizos, e tropeços, dizer o desejo inconsciente” (VORCARO, 2001, p.66).

A língua maternante, embora estabeleça-se por meio da Língua Materna, pode, segundo a autora, ser aquela cujos efeitos no organismo fundaria “uma matriz simbólica, entendida como funcionamento significante mínimo implantado no organismo, fazendo leito para o posterior funcionamento da língua” (VORCARO, 2001, p. 273).

A hipótese por ela sustentada é de que a necessidade vital do bebê gera o grito, que se transforma, na leitura da mãe, em demanda de um sujeito. A esta demanda o agente materno responde tentando trazer o apaziguamento e nesse gesto “o grito resultante de uma tensão orgânica, é elevado à função de demanda, interpretado como signo de presença de um sujeito desejante” (idem p. 275).

Vorcaro (1997) assinala que a intervenção do agente da função materna é, “portanto, a condição de possibilidades do ser vir-a-ser. O ato de suprimento das necessidades vitais do organismo neonato implica a estrutura desejante do único sujeito aí presente: o que faz função de agente que suporta a linguagem” (p.54).

Para a autora, o vínculo entre a mãe e o bebê é estruturante, ou seja, é ele que vai pavimentar as primeiras manifestações de linguagem pré-verbal do bebê; por ele, os sorrisos, os gritos, o choro, as explorações motoras, o apetite, as reações às mudanças térmicas, o funcionamento dos esfínteres, os olhares e as manifestações de adocimento poderão significar em menor ou maior grau, um apelo as palavras e aos gestos das mães.

A mãe toma as manifestações da criança como mensagens, “apagadas pela resposta oferecida e balizadas por precauções que as evitem” (VORCARO, 2001, p. 275). Assim, as manifestações iniciais do neonato são tomadas, prossegue a autora, como signos, “marcas que representam um ser para alguém” e é por meio dessas respostas da mãe àquilo que ela supõe ser o apelo de seu filho, que o agente materno impõe a inserção do ser na linguagem” (idemibidem). Nas palavras de Lacan no Seminário XI, a autora destaca que “o campo simbólico que precede o neonato recorta sua condição de real e faz dele um semelhante ao torná-lo representável no campo de alguém - a mãe, antecipando seu tempo de efetuação estrutural” (idemibidem).

Para Vorcaro (2001), a entonação singular marcada na fala de um sujeito, torna distinguíveis os resíduos de inscrição da linguagem maternante, saldo de escansões do andamento audível pela sonoridade da linguagem maternante ao articular uma língua qualquer.

Nesse sentido a psicanalista Julieta Jerusalinsky em seu artigo “*Prosódia e enunciação na clínica de bebês*”: destaca o papel da entonação da fala da mãe, “a entonação diz mais do que se queria dizer”, ela assinala que :

ainda que o bebê de poucos meses não tenha condições de entender o sentido do que está sendo dito, dado que ele não nasce com a língua previamente inscrita, ele já começa a ser tomado no funcionamento da linguagem. A musicalidade presente na fala da mãe, seus picos prosódicos e seus silêncios vêm sublinhar inconscientemente certos pontos significativos do que é dito. Algo ali convoca o bebê, produz marca nele, inscrição, não pela força do estímulo perceptivo recebido de modo aleatório do meio, mas

justamente pelo que fica sublinhado a partir da tela significativa do Outro (JERUSALINSKY, 2004, p. 208).

Assim, o bebê ao ser ouvido na sua fase “pré-verbal”, estará falado antes de poder falar, estará sendo, desse modo, inserido num meio onde o que faz, faz sentido aos olhos e ouvidos de alguém. É nessa relação entre mãe e bebê que a linguagem pré-verbal vai sendo estruturada no sujeito em constituição. Nesse ponto, Jerusalinsky, nos fala que a voz marca, ou seja, “ainda que o bebê não tenha o domínio da língua, ele já está confrontando com o enigma do desejo e, portanto, com que é próprio do funcionamento humano na ordem da linguagem” (JERUSALINSKY, 2010, p. 209).

A autora relata que a mãe produz picos prosódicos, por uma musicalidade. Desta forma, o bebê é convocado por essa voz, e dirige o seu olhar à mãe, respondendo com uma excitação psicomotora. Segundo Jerusalinsky:

[...] é fundamental que tal prosódia convocante esteja articulada a uma alternância sustentada pela mãe ao dirigir-se ao bebê, para que se produza o enlaçamento do bebê no ato da enunciação. A mãe fala e faz um intervalo, na medida em que supõe o bebê como sujeito que tem algo a dizer; sustenta ali a suposição de um desejo no bebê, sustenta ali alteridade. Temos aí a voz, a voz como objeto da pulsão oral que produz laço com outro e que também assume o sentido do chamado de um sujeito” (JERUSALINSKY, 2010, p. 207).

Nessa direção a autora, diz que é a mãe que “dá a voz” ao bebê ao tomar suas fonações como um chamado. É necessário que a mãe não veja como uma vocalização de ordem acústica, é necessário que seja recalcada, para ganhar um sentido enigmático e ser tomada na dimensão de um chamado no laço com o outro. “É justamente a partir da instauração de um enigma do desejo que a criança se tornará falante na tentativa de a ele responder” (JERUSALINSKY, 2010, p.106-107).

Por isso, ainda que o bebê de poucos meses não tenha condições de entender o sentido do que está sendo dito, dado que ele não nasce com a língua

previamente inscrita, ele já começa a ser tomado no funcionamento da linguagem. Assim, Jerusalinsky (2010) fala da importância da musicalidade presente na fala da mãe, pois é partir dela que o bebê será convocado e inscrito na linguagem.

Nesse sentido, a voz deixa como rastro a produção de um enigma para o bebê, mesmo que esse bebê não tenha o domínio da língua, o bebê já estará confortado com “o enigma do desejo e, com o que é próprio do funcionamento humano na ordem da linguagem” (JERUSALINSKY, *idem ibidem*). Trata-se mesmo de uma língua maternante, como diria Vorcaro (2001), que é sustentada pela língua da mãe.

Sobre isso também Bergès (2004) também discutiu. Em seu artigo “Bilinguismo e recalçamento¹²”, ele afirma que a mãe quando dirige-se aos filhos pequenos dizendo, “você está com frio”?, ela dá a ele o crédito de uma demanda de que ela o aqueça, e também o crédito de um saber sobre o que é frio; “Você está com fome?”, ela dá o crédito de uma demanda de que o sustente, e também o crédito de uma saber o que é fome. Assim, o autor (*ibidem*), afirma que “é nesta medida que estão, cada um, divididos desse não-saber afirmado como uma certeza de saber sobre o afeto a espera do significante. Tal é o golpe de força transitivista da mãe, que se traduz por uma fala recalcante” (BERGÈS, 2004, p.177).

Segundo Bergès (2004), como foi dito anteriormente, a mãe supõe a sua criança que vem se aplicar o significante no seu golpe de força. Assim, quando o *infans* na idade de andar, cai e se levanta indiferente, a mãe solta um grito e se lastima: é somente então que seu filho se põe a chorar, isso ocorre não pela dor que um ou outro sentiu, mas o que é “recalcado pela fala da mãe” (BERGÈS, 2004, p.177).

Desse modo, a mãe permite à criança, por meio desse empréstimo de seu afeto, ascender a uma representação do que acontece em seu próprio corpo. Se, em um primeiro tempo, a criança precisa alienar-se, correspondendo ao afeto que a mãe lhe atribui, num segundo tempo pode separar-se, na medida em que pode fazer dessa dor a sua. O transitivismo opera como um golpe de força que diz respeito ao real, pois implica uma passagem pela experiência do corpo, mas a partir da qual a mãe e a criança acabam por fazer uma elaboração discursiva. Assim, “esse golpe de

¹² Artigo inédito de 2002, porém traduzido por Viviane Veras e publicado no livro *Quem fala na Língua? Sobre as psicopatologias da fala* em 2004. Organizado por Angela Vorcaro.

força produzido pelo transitivismo vai na contramão de uma violência traumática, justamente porque possibilita a passagem de um real (padecido no corpo do bebê) a uma representação simbólica (da sensação materna) e, como consequência disso, permite que o bebê possa apropriar-se imaginariamente do seu corpo” (JERUSALINSKY, 2010, p.99).

Desta maneira, o autor vai definir Língua Materna, como aquela que determina tudo isso se passa nos primeiros tempos:

[...] podemos chama-la língua materna: não simplesmente linguística, no sentido da materialidade da linguagem, mas também língua na qual se faz, da parte da mãe a hipótese de que a criança é capaz de fazer uma hipótese, o que vem a estabelecer a disparidade do sujeito, do inconsciente e do Outro (BERGÈS, 2004, p.177).

Balbo e Bergès (2004) “Em Do corpo à letra¹³, neste seminário, os autores dedicam-se a refletir sobre a relação entre a inscrição da letra e a imagem especular, mostrando como “a mãe está num lugar que é preciso que ela preencha as funções (de outro modo, há um perigo vital) e, ao mesmo tempo, ela se deixe transbordar pelo que é antecipado” (p. 153).

Por meio dessas descobertas frente à relação mãe-bebê pode-se interrogar por quais vias o agente materno sustenta o engajamento do bebê, por meio das operações constituintes de demanda, suposição do sujeito, alternância e alteridade que podem comparecer no olhar, na modulação da voz, no gesto, no toque, na oferta postural, entre outros que possam representar o laço entre mãe-bebê. Esta relação pode ser importante para o estabelecimento da relação que o sujeito terá com a sua Língua Materna.

¹³ Artigo de 1994, porém traduzido por Viviane Veras e publicado no livro Quem fala na Língua? Sobre as psicopatologias da fala em 2004. Organizado por Angela Vorcaro.

2.1.1. Língua Estrangeira e Psicanálise

Em relação aquisição da Língua Estrangeira, vale retomar as palavras de Melman (1992) que marca a distinção entre saber e conhecer uma língua para que se possa refletir como a posição subjetiva implica representação do sujeito na língua. Fazer o percurso do que se entende por sujeito falante, para pensar o contato com a língua estrangeira é imprescindível, uma vez que a constituição do sujeito na Língua Materna é inaugural e permeará a sua relação no processo de aprendizado/apropriação da Língua Estrangeira. Como se vê a Língua Estrangeira está relacionada ao conhecer e a Língua Materna ao saber (da língua). Cabe salientar que a Língua Materna não é necessariamente aquela falada pela mãe, mas aquela que "teceu o inconsciente" (MELMAN, 1992), isto é, a língua que para cada um constitui a língua da estrutura simbólica fundamental que o faz sujeito.

Conhecer uma língua refere-se ao aprendizado de Língua Estrangeira, a partir da língua que se sabe, para se comunicar. Isso quer dizer que há uma tradução da Língua Estrangeira, a partir da língua da qual o sujeito é atravessado. A partir dessa distinção podemos afirmar que se trata de duas posições subjetivas através das quais o sujeito se representa diante da Língua Materna e da Língua Estrangeira. A posição subjetiva refere-se às identificações imaginárias sobre um esqueleto simbólico. Ou seja, o esqueleto simbólico do sujeito monolíngue é a Língua Materna. Para que o sujeito venha a se representar na Língua Estrangeira, ele precisaria se deixar atravessar pela Língua Estrangeira, o que levaria o sujeito a se deslocar subjetivamente do lugar da repetição da fala do outro para própria interpretação.

Esta língua estrangeira se constitui, pois para alguns sujeitos, como outro tipo de saber, um saber alcançável, como uma possibilidade de plena articulação do desejo, e esta incidência, conforme marca Melman "pode-se falar uma língua estrangeira de forma muito mais solta e fluida do que a nossa Língua Materna" (MELMAN, 1992, p. 47), pois para aquele sujeito a mãe que está incluída na Língua Estrangeira não se apresenta como interditada. Por este motivo, que segundo o autor, o sujeito pode falar melhor uma Língua Estrangeira do que sua Língua Materna.

Melman (1992) relata que o título apresentando em sua conferencia¹⁴ realizada em Israel, intitulada *Chimneys Weeping*, teve o intuito de apontar a impossibilidade de se fazer lapsos ou chistes em uma Língua Estrangeira, porém foi surpreendido por um jogo de palavras em inglês. Diante da contradição entre o que pretendia assegurar, ele se encontrava “no embaraço de não aceitar esse título e ao mesmo tempo não conseguir desfazer dele” (idem,p.57). Viu-se, então, diante da expressão *Chimneys Weeping* (chaminés chorando ou molhando-se).

Melman (1992) apud Gasparini (2010), afirma que nas operações da língua que autor postula como língua que se conhece, os significantes perdem a capacidade de representar a função subjetiva para outros significantes, ou seja, ganha-se uma simples função de designação e que o retorno do recalcado em uma Língua Estrangeira que caracteriza a emergência subjetiva, não pode jamais se dar a escutar como a expressão de um desejo inconsciente, isto é, como irrupção de sujeito. Sob esta perspectiva a Língua Estrangeira serviria, meramente, como instrumento de comunicação. Desse modo, autora afirma que tal apagamento do sujeito, se ocorre, se deve não ao encontro ou às operações subjetivas com a Língua Estrangeira, mas à posição do sujeito em relação a esta língua outra, relação esta que reflete a marca de sua posição, também, em sua Língua Materna. Conforme assinala Gasparini (2010), a perspectiva do seu trabalho considera possível a emergência da função subjetiva em qualquer língua, “com o retorno do recalcado podendo advir com o auxílio de qualquer materialidade, quer a da Língua Materna quer a de uma estrangeira. **Assim sendo, em uma língua estrangeira pode haver material significante hábil a produzir sonhos, lapsos, chistes etc**” (GASPARINI, 2010, p.76, grifo meu).

Segundo Gasparini (2010), não é somente a materialidade da Língua Materna que propicia a emergência subjetiva, mas a inscrição do sujeito no campo simbólico, com todas as consequências que isso implica. Esta visão encontra-se de acordo com sua perspectiva de trabalho e acredito que possamos compartilhar desta visão, pois “a impossibilidade da expressão do desejo na língua outra, remete, primordialmente, **à posição do sujeito diante das línguas, quer a materna quer a**

¹⁴ Conferencia de 10 de novembro de 1988, do seminário regular de Charles Melman, em Paris, no Hospital Sainte Anne.

estrangeira, e não simplesmente às construções do campo simbólico na língua estrangeira” (GASPARINI, 2010, p.77).

Sobre isso Moraes (1999) comenta que se o inconsciente fosse estruturado por língua e não por linguagem, não seria possível cometer lapsos em língua estrangeira. Segundo autora, se isso ocorre é porque os elementos de linguagem não pertencem a nenhuma língua em particular:

Que em cada um de nós, qualquer que seja, enfim, a sua historia e sua relação com a língua ou com as línguas que puderam organizar a sua infância-, o inconsciente funciona como uma língua interditada, e a expressão mais manifesta deste interdito repousa nisto: o sujeito não pode articular plenamente o desejo que é inerente, que é veiculado por esta cadeia, que é constitutivo desta cadeia. [...] Quer dizer que para cada um, qualquer que seja sua historia linguística, o inconsciente será sempre interpretado como se houvesse uma língua original que tivesse permitido esta transparência perfeita, ou seja articulação do desejo, mas que algum acidente produziu um impedimento. A partir de então, esta língua tornou-se a expressão do desejo, e este desejo não pode mais se exprimir a não ser pelos acidentes e caprichos (MORAES, 1999, p. 49-50).

Assim, sendo podemos retomar Milner (1978), o qual define Língua Materna como aquilo que o linguista não trata, porque excede as gramáticas e teorias, e pertence ao eixo da poesia, dos lapsos, dos jogos das palavras. Essa língua pode ser qualquer língua que maternalize um falante, que faça dele sujeito. É a inscrição do sujeito da/na Língua Materna que determina o tipo de relação que o sujeito estabelecerá com qualquer língua outra, estrangeira. Isso se dará as experiências singulares que cada sujeito estabelece, no campo da linguagem, com sua língua-causa. Portanto, a Língua Materna não deixa de ser uma experiência singular para cada sujeito de linguagem, por ser estruturante e constitutiva desta função, mesmo que língua outra entre mais tarde.

CAPÍTULO 3

O enigma da Língua Materna: Relato de Casos na Literatura

Conforme assinalamos na Introdução, ao longo do processo de realização deste trabalho pudemos nos deparar com estudos interessantes que tocavam a questão da Língua Materna por ângulos diversos. No campo da Psicanálise, destacamos os de Amati Mehler et al., (1990), Balbo (1991), Moraes (1999), Gasparini (2010), Melman op.cit. (1992) e, especialmente o de Leite (2001) que conduziu um projeto que nas palavras da autora “visava a ‘articulação da Psicanálise com a produção de saber no campo da ciência da língua, especialmente os estudos dedicados a aquisição de linguagem entre outros autores”. Por esta razão, no final deste capítulo, seu trabalho receberá maior atenção. A inclusão desses autores neste trabalho tem como objetivo tornar clara a envergadura da questão, que inviabiliza conclusões precipitadas e, especialmente, a ideia de que o estatuto da Língua Materna deve ser interrogado

Um livro que entre temas diversos aborda a questão da Língua Materna por um prisma original é *Ecolalias*, um livro de Heller-Roazen (2010). O texto que conforme assinala Heller-Roazen (2010) já foi assim criticado. “A ausência de uma instância reflexiva superior já foi motivo de crítica, por uma suposta “falta de teorização” e de “pesquisa genuína”; ela é, no entanto adequada para um livro que tem como centro a relação constitutiva entre língua e esquecimento”. Ainda assim, entendemos que, em dois dos capítulos, o modo como ele toca a questão da Língua Materna se presta a mostrar que no sintagma “língua materna”, “língua” é assim uma imagem insuficiente para nomear o idioma, e o mesmo acontece com o adjetivo “materna”. Para isso ele introduz dois casos interessantes. O primeiro refere-se à leitura que ele faz das memórias de Elias Canetti, focalizando as aulas de alemão com a mãe, que a complexa trama que envolve a relação do escritor com as muitas línguas às quais foi exposto. O segundo trata-se, como assinala Heller-Roazen, de

um caso oposto, mas igualmente elucidador: a história de Louis Wolfson -, autor de *Le Schizo et les langues; ou La Phonétique chez le psychotique (Esquisses d'un étudiant de langues schizophrénique)*. Wolfson é um dos casos que Moraes (2009) elege para “interrogar os estatutos de familiar, atribuído à língua materna, e de estranho, atribuído à Língua Estrangeira.”

Iniciamos pelas questões introduzidas por Heller-Roazen (idem) a partir da história de Elias Canetti. Na introdução do capítulo sobre o escritor, Heller-Roazen comenta que adquirir uma língua envolve dificuldades diversas e, também, que cedo ou tarde todo falante se depara com um idioma que não é o seu, e, “diante do qual deve-se adaptar a fala ou silenciar-se”. É neste momento que um falante pode se dar conta de que sua língua é uma entre outras. Porém, como fenômeno comum à experiência humana de todos os seres falantes, esse idioma original possui um nome cunhado na idade média e que nunca saiu de uso “língua materna”. Dante, um dos pioneiros a tratar do tema, dizia que a diferença entre a forma original da língua do indivíduo e a subsequente não era apenas de número, mas também de natureza. A primeira, dizia Dante, é adquirida com aqueles que nos cerca, sem seguir regras, já o idioma secundário aprendemos metodicamente. Heller-Roazen assinala que a perspectiva de Dante era decididamente medieval, pois para ele só poderia haver uma “segunda língua”: o latim - língua das escolas. Entretanto, o pesquisador destaca também que “para o bem ou para o mal, algo dessa concepção da diversidade das línguas permanece vigente até hoje, pois poucos duvidariam que se aprende a língua materna de uma maneira fundamentalmente diferente daquela pela qual se adquirem as línguas que as seguem” (HELLER-ROAZEN, 2010, p.138).

Heller-Roazen (2010) indaga se mesmo que se consiga aprender uma “segunda língua” dominando os princípios da gramática, “tal aquisição não teria consequências para aquela que a precedeu? Não é certo, diz ele, que uma vez estabelecido um sistema ordenado de uma gramática estrangeira, os falantes possam voltar completamente “aos meios selvagens de sua primeira fala” (HELLER-ROAZEN, 2010, p.138). Essa questão pode ser ampliada, segundo o autor, se pensarmos naqueles que mesmo antes de “estudar uma língua estrangeira, já começam a perder aquela que aprenderam “sem regras de qualquer espécie” e a adquirir outras” também pela via da imitação.

Elais Canetti é considerado por ele caso exemplar. O escritor nasceu em uma família de judeus sefárdicos e, portanto, aprendeu em primeiro lugar o idioma dos judeus que moravam na Espanha: o ladino. Segundo Heller-Roazen (2010) muitas línguas eram faladas na cidade natal de Canetti, conforme se lê em suas memórias. Rustchuk era habitada por búlgaros, turcos, gregos, albaneses ciganos, romenos e russos. De acordo com Canetti o ladino - espanhol medieval dos sefardis-, foi a língua da família, dos amigos, das cantigas infantis e das história de sua infância. Em casa, porém, apesar dos pais falarem em espanhol com os filhos, entre si o casal usava o alemão “a língua de seus felizes dias escolares em Viena” (CANETTI,1977 apud HELLER-ROAZEN, 2010, p.139). No primeiro livro de sua obra autobiográfica, é possível ler que Canetti ficava fascinado com o idioma dos pais e o escutava com toda intensidade, perguntando frequentemente o que determinadas expressões queriam dizer, entretanto, seus pais riam e julgavam que era muito cedo para que ele as aprendesse. Canetti lembra que “pensava que estavam falando coisas maravilhosas que apenas poderia ser ditas naquela língua. Depois de implorar e implorar sem sucesso, corri com raiva para um outro aposento, que quase nunca era usado e ali repeti para mim mesmo as frases que ouvira deles, em sua entonação precisa, como fórmulas mágicas” (CANETTI,1977 apud HELLER-ROAZEN, 2010, p. 139).

Em 1911, quando o escritor tinha seis anos, sua família mudou-se para a Inglaterra, mas o período que ele ali permaneceu foi interrompido pela morte prematura do pai de Canetti e, com isso, menos de um ano depois, sua mãe resolveu mudar-se para Viena, Durante o caminho, decidiram parar em Lousana-Suíça Francesa - e Canetti atribui a esta estadia à necessidade de que ele aprendesse alemão para ir a escola em Viena, a ideia de que ele pudesse ser recusado por não falar o idioma era, segundo ele, intolerável para sua mãe e ela estava determinada a ensinar o alemão ao filho.

Heller-Roazen comenta que os métodos empregados pela mãe para ensiná-lo marcaram intensamente o escritor. A mãe de Canetti acreditava que os livros interferiam de forma negativa no aprendizado de línguas que deveriam ser aprendidas oralmente. Assim, sua mãe dizia o significado de uma frase em inglês e a lia em alemão, que não era repetida, e ele deveria repetir sílaba por sílaba e memoriza-la para sempre, no final da lição ela o deixava só e dizia “...repita para

você mesmo. Você não pode esquecer uma frase sequer. Nem mesmo uma. Amanhã continuamos”. (CANETTI,1977 apud HELLER-ROAZEN, 2010, p.140). No dia seguinte ao da primeira lição, o desempenho de Elias não foi o esperado pela mãe, ele não conseguia lembrar sequer do sentido de uma das frases que havia aprendido em alemão. A mãe furiosa ameaçava deixá-lo em Lousana sozinho, quando ela partisse para Viena. E mais, nos momentos em que ela ficava impaciente dizia “Não tinha noção de como filho é um idiota! “ ou “seu pai sabia alemão também, o que ele iria dizer!” (CANETTI 1977 apud Heller-Roazen, 2010, p141). A vida de Elias, durante esse período foi marcada pela angústia, vivia silencioso e arredio. Aprender o alemão tomava todo o seu tempo, mesmo quando estava distante da mãe. Sobre isso Canetti diz “Minha mãe colocara-me na armadilha de uma hipnose terrível, e era a única que poderia desfazer o encanto”. (CANETTI 1977 apud Heller-Roazen, 2010, p141). Foi com a ajuda de sua governanta, que após algum tempo, ele foi autorizado a receber livros didáticos, ainda que as lições maternas permanecessem-nos mesmos moldes, e o pior sofrimento ficou para trás. Em sua lembranças, ele diz que teve início um período “sublime” na vida com sua mãe, pois agora ele podia conversar livremente com a mãe em alemão, o que na percepção de Canetti, para ela era também muito importante, “pois era a língua de sua confiança”. Com a viuvez repentina sua mãe sentia-se perdida e “tentava o mais rápido possível, colocar-me em seu lugar” (CANETTI 1977 apud Heller-Roazen, 2010, p141) afirma o escritor.

Impressionante é o modo com este período de sua vida é narrado. Heller-Roazen (2010) destaca na autobiografia de Canetti a afirmação de que para ele “o alemão foi uma Língua Materna implantada tardiamente e, sob verdadeira dor”. E destaca a fala de Canetti:

Passamos três meses na Lausana, e às vezes creio que nenhum outro período da minha vida foi tão marcante. Mas frequentemente se pensa isso quando se concentra seriamente em um único momento, e é possível que cada fase da vida seja a mais importante e contenha tudo. No entanto, em Lausana, onde ouvia francês à minha volta, pegando-o casualmente e sem complicações dramáticas, renasci, sob a influencia de minha mãe, para a língua

alemã, e os espasmos desse nascimento produziram aquela paixão que me ligou a ambas à língua e à minha mãe. Sem as duas, que são fundamentalmente uma coisa só, o rumo de minha vida teria sido sem sentido e incompreensível (CANETTI 1977, apud HELLER-ROAZEN, 2010, p. 142-143).

Mas, como prossegue Heller-Roazen (2010), o ladino e o alemão não eram os únicos idiomas que Canetti aprendeu por imitação quando criança, também o búlgaro pode ser considerada *prima locutio* – expressão de Dante para a língua que se recebe sem instrução formal daqueles que nos cercam, a língua dos camponeses que trabalhavam na casa de Canetti e com quem ele passava a maior parte do tempo. Porém, em sua biografia, Canetti não consegue lembrar como nem quando aprendeu este idioma, embora soubesse do papel central que ele havia sido em sua infância, mas estava convencido de que havia perdido totalmente tal idioma, pois havia saído de Rustchuk aos seis anos de idade.

Apesar de não se lembrar da língua búlgara, Canetti não tinha dúvida de que se lembrava com nitidez dos acontecimentos da época em que as línguas que lhe eram dirigidas eram o ladino e o búlgaro. Eles permaneceram como se tudo que “outroza experimentara e lembrara passou inteiramente para o alemão” (HELLER-ROAZEN, 2010, p.144). As palavras do ladino que restaram, estavam ligadas a situações dramáticas, homicídios e os “piores horrores”, mas tudo do búlgaro, escreveu Canetti, “como os contos de fada, trago em mim em alemão”. Ele refere que não sabe como isso aconteceu, mas diz que:

Os acontecimentos daquele tempo estão presentes em mim com toda sua força e seu frescor [...] mas a imensa maioria está ligada a palavras que não conhecia na época. Parece natural para mim descrevê-los agora; não sinto que esteja mudando ou deformando o que quer que seja. Não é como a tradução literária de um livro, de uma língua para outra; é uma tradução que aconteceu por conta própria em meu inconsciente, e como normalmente evito essa palavra como a peste, uma palavra que se tornou sem sentido por

causa de seu uso abusivo, peço desculpas por empregá-la única e exclusivamente neste contexto (HELLER-ROAZEN, 2010, p.144).

Vê-se que do ladino não foram esquecidos os segmentos de fala ligados a acontecimentos dramáticos. O búlgaro da infância, por outro lado, desapareceu totalmente e seu apagamento foi irrecuperável, as palavras, como comenta Heller-Roazen (2010) “se traduziram a si próprias para uma outra língua, em um processo de tradução, sem tradutor” (HELLER-ROAZEN, 2010, p.145). O autor comenta que as línguas estrangeiras “parecem ter sido criaturas para a infância de Canetti, como a Língua Materna para a maioria das pessoas” (ibidem) o que torna possível, segundo ele, interrogar se os dois tipos de idiomas poderiam ser absolutamente distinguidos. Porém, ele destaca que há um acontecimento, uma exceção bastante reveladora a respeito do idioma que Canetti diz ter esquecido completamente. No terceiro livro de sua autobiografia - *O jogo dos olhos* - Canetti relata uma visita a Praga, acontecimento marcado intensamente por um encontro com um pintor que muito admirava. Mas em sua narrativa, vê-se que ele foi igualmente marcado pela estranheza que a língua tcheca lhe causou, ele escreveu que tal idioma parecia uma “língua de guerra”, mas a evidência mais forte de tal estranhamento estava na palavra usada para “música”: *hudba*. A descoberta dessa palavra não pode evitar a conclusão de que:

a música da língua tcheca, no entanto, não era completamente desprovida de ressonância com outros idiomas que Canetti havia conhecido. A única explicação que podia encontrar para a força com a qual os sons eslavos se impunham a ele era, de que alguma maneira, evocavam o idioma de que ele não mais podia lembrar-se, o búlgaro. “Vaguei como enfeitiçado”, Canetti escreveu, [...]. ‘Talvez a força com a qual as palavras do tcheco entraram em mim se devia às memórias do búlgaro de minha primeira infância. Mas nunca pensei sobre isso, já que esquecera completamente o búlgaro, e não estou em uma posição de determinar o quanto as línguas esquecidas permanecem dentro da pessoa. É certo que naqueles dias em Praga me remeteu a episódios que se desenrolaram em períodos distintos da minha vida. Recebia os sons eslavos como segmentos de uma

língua que, de uma maneira inexplicável, me afetavam profundamente' (HELLER-ROAZEN, 2010, p. 146).

Como se vê o destino do búlgaro da primeira infância de Canetti é bem mais complexo do que poderia parecer, para Heller-Roazen (2010) é possível pensar que, ao contrário do que supunha Canetti, a língua eslava não passou inteiramente para o alemão, sem deixar resíduos. Vinte anos depois de sua saída da cidade natal, quando ocorreu a visita a Praga, a língua que um dia falou, mas que fora ostensivamente esquecida ainda o afetava. Heller-Roazen (2010) pergunta sobre o que Canetti ouviu na *hubda* da língua tcheca, mas afasta a hipótese que ele a percebesse como o búlgaro, "as afinidades entre os dois idiomas eslavos não são suficientes para que se possa afirmar que uma possa ser encontrada dentro da outra' (HELLER-ROAZEN, 2010, p. 147).

A hipótese por ele levantada é de que Canetti não ouviu uma língua, mas um eco: o som dentro de um idioma, de um outro que fora esquecido. Não é por acaso, prossegue o autor, "que o relato desta cena apareça no fim de uma trilogia autobiográfica, imediatamente antes do último capítulo denominado "a morte da mãe" (p148). A música do tcheco presentificava a única língua infantil que não estava ligada à sua mãe, língua anterior ao alemão que aprendera dela e independente do ladino que falara com ela antes da morte do pai.

Heller-Roazen (2010) finaliza dizendo que o búlgaro lembrava um idioma:

que não poderia ser caracterizado, em sentido algum, como materno, a comunicação "furiosa" dos habitantes de Praga anunciava simultaneamente a perda irreparável com a qual a autobiografia acaba. Esse pode ser muito bem o segredo encerrado na palavra *hubda*, que a história de vida de Canetti ao final expõe: não importa que língua se fale, e não importa quantas se possam aprender e esquecer, não há nenhuma que não seja aberta a uma outra, não há nenhuma que possa ser totalmente nativa. Nesse sentido, nenhum idioma é verdadeiramente materno uma "língua materna", nem mesmo o idioma da mãe (HELLER-ROAZEN, 2010, p.148).

Canetti escreve em alemão, língua que condensava uma multiplicidade de significados, era a “língua encantada”, sobre a qual ele fala da relação amorosa de seus pais, a língua que guardava um segredo, foi também a língua que o fez renascer após a morte dos pais, a língua do amor à mãe, mas um amor exigente para o menino convocado a ocupar o lugar do pai. Canetti diz “o alemão foi para mim uma língua materna aprendida mais tarde e verdadeiramente nascida com dor”, mas acrescenta que não permaneceu na dor, pois “imediatamente seguiu-se um período de felicidade que me ligou indissociavelmente a esta língua. Até minha inclinação para escrever deve ter sido precocemente alimentada por essa vivência...”.

A história de Canetti pode levar a um caminho que pretendemos evitar, pois a cada interpretação se anuncia a armadilha da “psicologização” da vida de um menino habitado por uma multiplicidade de línguas, que de diversas maneiras presentificavam e integravam o labirinto de vivências traumáticas e felizes de sua infância. Vale destacar que Canetti diz que os acontecimentos mais marcantes de sua história estavam nele presentes com toda sua força, mas ligadas às palavras do alemão que ele não conhecia na época, como se houvesse ocorrido “uma tradução que aconteceu por conta própria em meu inconsciente”.

Assim da leitura de Heller-Roazen (2010) sobre a história de Canetti, destacamos a ideia de que a Língua Materna **não corresponde a um idioma**, mas enfatizamos que as sonoridades experimentadas e as vivenciadas por uma criança, são impressas no corpo e não são esquecidas, ainda que sejam rearticuladas ao longo de sua vida. A qualquer momento elas podem ecoar e retornar, como vimos no relato de Canetti sobre sua relação com a língua tcheca que, inexplicavelmente, lhe tocaram de modo tão profundo. Talvez não haja um idioma materno, como diz o autor, mas acrescento que isso não significa que não haja a “Língua Materna”, que faz de um corpo sujeito e que lhe abre a possibilidade de circular por idiomas diversos. Como assinala Nascimento Silva (2011) “o estatuto das línguas na experiência de Canetti ocupa um limiar que impede a distinção, em última instância, daquilo que é materno ou estrangeiro” (NASCIMENTO SILVA, 2011, p.523).

Igualmente instigante para interrogar o estatuto da Língua Materna é a história de Louis Wolfson, que Heller-Roazen (2010) (idem) coloca em discussão. A história de Wolfson e de sua relação com a Língua Materna foi também abordada

por Moraes (1999), cuja reflexão, guiada pela Psicanálise, será também apresentada.

De acordo com Heller-Roazen (2010), trata-se de um jovem esquizofrênico que não tinha dúvidas a respeito de qual era sua Língua Materna, uma vez que não suportava um único som dela. Wolfson em seu livro - *Le schizo et les langues* ou *La Phonétique chez le psychotique (Esquisses d'un étudiant de langues schizophrénique)*-, comenta as dificuldades que teve quando era criança tanto para aprender a falar, quanto para ler e escrever. Conforme assinala Generoso (2008), tal dificuldade foi associada por seus professores a uma incapacidade intelectual, sendo ele transferido para uma classe de alunos com "retardo mental". Relata que foi uma luta aprender a língua, e que só conseguiu falá-la em idade já avançada, também para chegar à leitura foi necessário "travar uma nova batalha". Apesar das dificuldades iniciais, a partir dos 20 anos de idade "ele passou a se interessar de forma "fanática e fantástica" pelo estudo de algumas línguas estrangeiras", especialmente, o francês, o alemão, o hebraico e o russo.

Seu livro descreve a árdua batalha empreendida desde o início da vida adulta, contra o inglês, que parece uma tentativa de se libertar da língua da qual dificilmente poderia se desvencilhar. No texto, ele refere-se a si próprio em terceira pessoa, ou como "o psicótico", "o alienado", "o doente mental", entre outros. Foi depois de escapar de um hospital psiquiátrico, onde havia sido internado pela mãe, que Wolfson, como assinala Heller-Roazen(2010), conta que "*decidiu mais ou menos definitivamente aperfeiçoar suas competências*" nas duas línguas estrangeiras que estudara no segundo grau e na faculdade, o francês e o alemão e "*depois estender suas investigações linguísticas para incluir um idioma semítico e um eslavo, para não mencionar ainda outros*" (HELLER-ROAZEN, 2010, p.154). Assim, o jovem psicótico realizou seus estudos de modo obstinado, pois "procurava sistematicamente não ouvir seu idioma materno" (WOLFSON,1970 apud HELLER-ROAZEN, 2010, p.152) E mais, o escritor alienado prossegue:

Não obstante, como era praticamente impossível não ouvir totalmente sua língua materna, [ele] tentou desenvolver formas para converter palavras quase instantaneamente (especialmente aquelas que achava serem as mais problemáticas) em palavras estrangeiras

a cada vez, após terem penetrado sua consciência, apesar de seus esforços para não percebê-las. Para que assim pudesse de alguma forma imaginar que não se falava com ele naquela língua maldita, sua língua materna o inglês. Com efeito, experimentou reações que eram por vezes agudas e que fizeram até mesmo que fossem dolorosos para ele ouvir o idioma sem ser capaz de converter os termos em palavras que lhe fossem estrangeiras, ou sem ser capaz de destruir construtivamente, em sua mente, os termos que acabara de ouvir nessa língua amaldiçoada, o inglês (WOLFSON, 1970 apud HELLER-ROAZEN, 2010 p.152)

Para isso, Wolfson desenvolveu “estratégias de batalha”, pois quando percebeu a “força do inimigo”, viu que era necessário um método para dominar a Língua Materna, seria impossível evitá-la, mas como assinala Heller-Roazen (2010), ele era capaz de “alterar seu campo de percepção de forma que, quando confrontado com o idioma incômodo e mesmo doloroso, poderia “converter” seus elementos em “palavras que lhe fossem estrangeiras” (HELLER-ROAZEN, 2010, p.153). É certo, porém, prossegue o autor, que para isso ele teria que escutar a Língua Materna para poder subvertê-la e transformá-la em uma outra.

Uma das estratégias fundamentais de Wolfson era - como assinala Deleuze (1970) no prefácio do *Le Schizo et lês langues*-, analisar os elementos e movimentos fonéticos de qualquer sentença para convertê-la, o mais rápido possível para outra língua, em uma sentença em uma ou em várias línguas estrangeiras”, que se assemelhavam a ela, não no sentido, mas no som” (DELEUZE, 1970 apud HELLER-ROAZEN, 2010, p.153). Já quando a mãe se dirigia a ele, Wolfson tapava os ouvidos com as mãos, ou usava os fones de seu rádio portátil, mas sempre podia ouvir uma ou duas palavras e, assim se dizia “penetrado pelas palavras inglesas”

Mas Wolfson, como diz Heller-Roazen (2010), não tinha escolha. Era também preciso escrever, transcrever para dissolver seu idioma materno em um outro, para escapar da língua que o atormentava, por isso cada vez que escrevia uma expressão em inglês e ele a apresenta em sua forma fonética assim grafada. Passemos ao próprio autor. Vejamos o que diz o próprio Wolfson: “vegetable oil [óleo vegetal], que é pronunciado ‘vèddjebel oil’ “o segundo e o terceiro es são

schawas, o o é aberto e curto, e o i é aberto e fugidio, formando um ditongo decrescente” (WOLFSON1970 apud HELLER-ROAZEN,2010,P.156). Mas,

A transcrição é por natureza ambígua, e o texto do estudante de línguas esquizofrênico não é uma exceção à regra. As formas fonéticas oferecidas pelo jovem alienado no lugar da grafia comum do inglês, as expressões linguísticas estrangeiras às quais davam vazão e, mais geralmente, as páginas de *O esquizo e a línguas* como um todo, podem ser entendidas somente na medida em que façam referência à língua materna, da qual elas deveriam libertar o estudante de línguas perturbado. É inevitável: quanto mais o jovem esquizofrênico escrevia, tanto mais continuava a trabalhar com as letras – não importa o quanto estivessem decompostas ou embaralhadas – da língua que não podia suportar. A transcrição guardava a memória do idioma que almejava extinguir (HELLER-ROAZEN, 2010, p. 156-157).

No cerne da atividade tradutória de Wolfson está uma necessidade alucinada de esquecer sua Língua Materna, o que, no entanto, esbarrava com o seguinte paradoxo: “forçando-se a nunca esquecer de esquecer sua língua materna, obrigava-se sempre a se lembrar de lembrá-la” (HELLER-ROAZEN, 2010, p.157). Wolfson era perspicaz o suficiente para perceber o paradoxo e se interrogasse sobre o sucesso de seu projeto. Finalmente, HELLER-ROAZEN (2010) comenta que o empenho de “esquecimento parece tão deliberado que é possível se perguntar se seu objeto foi obliterado ou, pelo contrário, voluntariamente preservado em seu apagamento aparente” (HELLER-ROAZEN, 2010, p.157 idemibidem).

Canetti e Wolfson seguem trajetórias diversas no modo de relação com as línguas, mas nos dois casos é possível ver, que, de fato como assinalamos, a história de ambos se presta a mostrar que no sintagma “língua materna” “língua” é assim uma imagem insuficiente para nomear o idioma, o mesmo acontece com o adjetivo “materna” (HELLER-ROAZEN, 2010, p.522).

Vê-se que aqui a naturalidade da noção de língua é suspensa, a discussão empreendida por Heller-Roazen (2010) ultrapassa a questão dos idiomas, os efeitos

subjetivos da relação com as diferentes línguas são destacadas pelo autor, ainda que não ganhe a mesma força que o conceito de Língua Materna obterá nos textos da Psicanálise, como veremos adiante, mas a narrativa de Heller-Roazen (2010) não obscurece os efeitos que o modo de enlaçamento com as diversas línguas, em especial com o alemão, produziram em Canetti, nem muito menos a relação de Wolfson com a sonoridade do inglês.

Passemos agora ao trabalho de Moraes (2009), parte da leitura que Fontaine (1987) faz da obra de Wolfson. Moraes entende que aquilo que pensamos ser nossa Língua Materna contém um elemento de estrangeiridade. Assim, a partir de uma visada psicanalítica e de uma perspectiva particular de sujeito, ela entende ser possível “tomar na representação do estranho, o elemento organizador, e não diferenciador, nessa relação entre línguas. É através dessa representação que se dá a passagem entre elas” (p. 65). Para discutir a relação materno/estrangeiro, ou familiar/estranho, ela aborda o caso de Wolfson e o de Anna O., um dos casos relatados nos Estudos sobre a Histeria de Freud e Breuer. Os dois casos, segundo a pesquisadora, permitem interrogar o estatuto de familiar que se atribui à língua materna.

O caso de Wolfson é abordado numa sessão denominada “O familiar na língua estrangeira”. Com ele a pesquisadora visa retirar consequências acerca do modo relação que ele estabelece com a Língua Materna. Ela assinala que seus “escritos em francês possuem uma razão comum: sua luta contra a perseguição da língua materna, contra a qual ele se empenha em um trabalho de desarticulação” (MORAES, 1999, p.69).

Segundo a pesquisadora, os sons da Língua Materna nele produzem um eco insuportável, daí a necessidade de destruir, “sistematicamente, todas as palavras da língua inglesa, isto é, desarticular todos os vocábulos dessa língua, fonema por fonema” (idem *ibidem*). O caso de Wolfson mostra, como se lê em seu relato, como sofre dos efeitos da linguagem que o decompõem, agindo diretamente em seu corpo.

A ênfase da leitura de Moraes recai no modo como Wolfson “recebe e reage às sonoridades de sua Língua Materna (e particularmente à voz de sua mãe), pois esses sons produzem em sua cabeça um eco intolerável e próximo da dor, que ele tenta suspender” (MORAES, 1999, p.69). Ela coloca em relevo o fato de que a

relação de Wolfson aponta para o processo “que envolve os efeitos da percepção da imagem sonora e da imagem motora da fala, ou seja, a simultaneidade com que a fala afeta o corpo diretamente, em um uníssono quase exato da vibração das cordas vocais da mãe às vibrações da membrana do tímpano do filho, Na trilha de Fontaine Moraes(1999) afirma:

Mas não é somente a voz, enquanto tal, que faz com que ele falhe em se desvencilhar desse lugar. Wolfson percebe uma intenção subjacente, um tom de triunfo na voz da mãe. Se Wolfson se esforça por distorcer os sons do inglês, é para mudar a tonalidade, para agir sobre o tom de má vontade, sobre o desejo [da mãe] de lesá-lo. Apesar de todas as alegações maternas de boas intenções e de ligação com seu filho, é sobretudo a conduta verbal [que pode também ser o conduto auditivo] que fornece a maior prova de uma indiferença fundamental, ou até mesmo de uma verdadeira antipatia por ele (MORAES, 1999, p.79).

Menos que o sentido das palavras, mas sim, os sons das palavras que de acordo com Moraes criam o mal-estar de Wolfson, “algo que, anterior a elas, as acompanha, um afeto que se impõe em bloco através da tonalidade da voz da mãe. A voz materna, o uso que a mãe faz da língua inglesa e esta, por extensão, enquanto utilizada por toda uma comunidade da qual sua mãe é parte”, determinam a luta de Wolfson contra os possíveis efeitos lesáveis dessa voz e para isso é necessário que ele realize suas operações sobre a língua.

Ela destaca “que Wolfson procura resolver com o escrito esse mal-estar com relação à tonalidade da voz, como se o escrito o remetesse a uma espécie de origem, ao momento mesmo da inscrição das marcas da linguagem no corpo”. A estratégia de decompor a língua “tem como efeito fazer cessar a reverberação dolorosa, mas deixa intacta a instância persecutória da voz. A voz apenas presentifica o mal-estar para Wolfson. Moraes (1999) entende que o jogo de misturar o som das palavras inglesas como de palavras estrangeiras, destrói pouco a pouco a língua inglesa e a faz mais suportável, mas para isso sua:

língua materna deve se abrir às línguas estrangeiras para, com isso, perder o impacto da onipotência em que se transformou pela tonalidade da voz da mãe. Seu desejo, ao procurar correspondências entre os sons das línguas, é alargar suas fronteiras e escapar à perseguição. Wolfson toma a sonoridade da língua materna em um momento anterior ao sentido e a usa como o veículo do afeto não dito dirigido a ele. O som do afeto não dito causa seu trabalho de desconstrução dessa língua. Wolfson procura, ainda, na marca mais real dessa inscrição, a maneira de reescrever esse afeto não dito pela mãe. Ao desmontar a língua inglesa fonema por fonema para reescrevê-la em outras línguas, ele nos revela os mecanismos pelos quais os sons dos afetos de sua língua materna se impuseram a ele de maneira literal (MORAES, 1999, p. 93).

Moraes (1999) entende que o movimento de destruição dos sons da Língua Materna com a escrita revela uma fixação, em um dos tempos de estruturação. Para a pesquisadora Wolfson busca o impossível: com o literal da linguagem, ou seja, nas letras das línguas estrangeiras, defender-se da perseguição e dissolver a tonalidade dessa Língua Materna, cuja ressonância o capturou no corpo.

Moraes (1999) discute, em sessão intitulada “O estranho na língua materna, o caso de Anna O. uma paciente de Freud que tinha como um dos sintomas do quadro de histeria o esquecimento da língua materna.

Moraes (1999) ao apresentar este caso - cuja descrição encontra-se nos *Estudos sobre a Histeria* ([1895] 1987), livro escrito a quatro mãos por Freud e Breuer -, destaca nele tem o esquecimento da “língua materna” que a paciente passa a substituir pela língua inglesa, tal fenômeno é apontado como um dos sintomas histéricos que passaram a ocorrer a partir da instituição de um trauma psíquico ocasionado por uma alucinação de Anna O.¹⁵.

Numa noite em que estava cuidar de seu pai que se encontrava doente, ela num estado de profunda angústia e ansiedade causada pela espera de um médico

¹⁵ Para mais referência sobre o caso de Anna O., além do relato de Freud e Breuer apresentando nos *Estudos sobre histeria* ([1895] 1987), remeto, também, a Moraes (1999), que discute em sua tese de doutorado a questão de familiaridade/estrangeiridade das línguas materna e estrangeira a partir deste e de outros casos.

que viria de Viena para socorrê-lo, sentou-se ao lado da cama do doente, com o braço direito apoiado sobre o encosto da cadeira adormeceu, e passou a um estado de devaneio e a uma alucinação em que via uma grande serpente negra saindo da parede, tentando atacar seu pai, Anna O. tentou espantar o réptil, mas sentiu seu braço adormecido e insensível, além disso, ao olhar para própria mão ficou estarelecida, ao perceber que seus dedos tinham se transformado em pequenas cobras, com cabeças de caveira. Apavorada, Anna O. quis rezar após o desaparecimento da serpente, mas não foi capaz de encontrar em sua Língua Materna nenhuma palavra que pudesse servir de auxílio naquele instante de aflição, lembrou-se, porém, de um poema infantil em inglês, que permitiu que ela pensasse e rezasse nesta língua.

Segundo Freud, comenta Moraes (1999), a angústia, determinada “pelo impacto da conjunção entre a alucinação e o adormecimento do braço, teve como consequência uma inibição da fala...”(MORAES, 1999, p.67). Após tal acontecimento, Anna O. apresentou certa limitação para encontrar em sua Língua Materna as palavras que queria e, algum tempo depois, ela perdeu, também, o domínio da gramática e da sintaxe, apresentando dificuldade até mesmo para conjugar os verbos e empregar os artigos. Gradativamente, este quadro foi se intensificando, até que durante duas semanas ela emudeceu completamente.

Conforme assinala Moraes (1999), Freud e Breuer ([1895] 1987) relatam que, Anna O. apesar de ter o alemão como Língua Materna, mesmo depois de superar o profundo distúrbio de linguagem que a impedia de falar com clareza, passou a utilizar somente a língua inglesa em seu dia-a-dia por um longo período, sem nem ao menos perceber que fazia tal substituição. Anna O. compreendia o alemão, quando falado ao seu redor, mas respondia com naturalidade em inglês. Havia, porém, os momentos em que a paciente se encontrava em um tipo de ausência alucinatória, estados chamados pelos autores de ‘*absence*’ ou ‘*condition seconde*’, e nesses episódios até mesmo o alemão lhe era ininteligível, sendo o inglês a única língua compreensível para ela. Em tais situações, é relatado que Anna O. chegou a ter discussões com sua enfermeira, por esta ser incapaz de compreendê-la, o que demonstra o completo desconhecimento da paciente do fato de estar usando a língua inglesa como meio de expressão.

A disfunção da fala na língua materna aconteceu na mesma ocasião em que a paciente começou a apresentar contraturas, anestésias e paresias no braço. Conforme assinala Moraes (2009), no relato de Freud ([1891] 1977, p. 61), o fenômeno das contraturas ligou-se tão profundamente à questão da fala que “quando a paralisia regrediu, a paciente passou ao sintoma: “passou a falar apenas inglês – só que, aparentemente, sem saber que estava fazendo” (p.68). A partir disso a pesquisadora nos diz:

Podemos nos perguntar, agora, a respeito da familiaridade com que é tratada a língua estrangeira nesse caso. Parece-nos que esta, pela maneira como o caso é apresentado, vem no lugar do estranhamento na língua materna. Devido à condição de alteridade da própria língua materna, que se impõe como uma representação absolutamente estranha, a língua estrangeira se apresenta como a mais familiar (MORAES, 2009, p. 68).

Nestas circunstâncias permitiremos citar um longo trecho de Moraes (1999), para tornar mais claras as formulações feitas para refletir a relação entre Língua Materna e Estrangeira.

[...] a possibilidade de recuperação dos traços mnêmicos passa pelo necessário caminho da expressão verbal, da leitura, de maneira que, se, de acordo com a hipótese de Freud, a memória é, em grande parte, inconsciente, abre-se um outro lugar de discussão sobre o estatuto da dita Língua Materna: ela não representa, para o sujeito, sua segurança, dado que aí não pode dizer tudo. Fica suspensa a condição de a Língua Materna ser o veículo da certeza do sujeito. Nessa hipótese está implícita, portanto, uma divisão entre língua e linguagem, sendo a língua o lugar de apresentação da certeza do Eu, mas, simultaneamente, da possibilidade de manifestação da linguagem inconsciente, daquilo que fala no Eu, sem seu consentimento (MORAES, 1999, p.77).

Como aponta Moraes (1999) no trecho acima, há outras formas de funcionamento da linguagem, tanto quanto a Língua Materna, configuram-se como meio de realização do campo simbólico, o campo da linguagem, para as articulações acerca do inconsciente. O encontro do sujeito com a Língua Materna/Estrangeira ocorre, de maneira totalmente singular e única devido as marcas, a importância e ao valor que a língua tem em sua constituição.

Os dois casos deixam ver, segundo Moraes (1999), que toda relação com uma Língua Estrangeira passa, necessariamente, pela relação estranho-familiar na Língua Materna. É o movimento do estranho que faz deslizar o familiar de outro texto. Ela diz:

Para Anna O., o inglês vai recobrando o alemão, para recalcar esse estranho que irrompe na língua alemã. O estranho, nesse caso, movimenta, isto é, causa o desejo, causa o familiar, porque o estranho-familiar encontra-se ainda no campo do sentido, no campo representacional. Anna O. não deseja o impossível, deseja, porque é impossível. No caso de Wolfson, as outras línguas entram para defendê-lo da língua inglesa. Esta só lhe aparece como estranho, uma vez que não importa, para Wolfson, o campo do sentido. Assim, as outras línguas entram para movimentar o estranho da língua materna que invade como uma língua estrangeira. O estranho não se apresenta aqui como aquele que põe em movimento e, portanto, não pode causar o familiar. O que restou a Wolfson de familiar é de outra ordem, não se encontra no campo representacional, apresenta-se como dor, no corpo. Se o estranho não pode causar o desejo, Wolfson busca o impossível: com o literal da linguagem, ou seja, nas letras das línguas estrangeiras, defender-se da perseguição e dissolver a tonalidade dessa língua materna, cuja ressonância o capturou no corpo (MORAES, 1999,p. 98-99).

Os três casos aqui apresentados sob perspectivas diversas, deixam ver a complexidade envolvida na questão da Língua Materna. Considerando o que foi dito até aqui é possível fazer algumas articulações.

A comovente história de Canetti e sua relação com os diversos idiomas nos deixa ver a importância do traço identificador que a Língua Materna teve em sua vida. Ele diz que “o alemão foi uma língua materna implantada tardiamente e, sob verdadeira dor”. Mas considerando que toda autobiografia contém uma boa dose de ficção, será que é muito arriscado perguntar, se o alemão, a língua do amor e dos anos felizes de seus pais não estava presente desde o início, considerando que ela foi a língua pela qual a “mãe foi interditada”, ora se os traços do búlgaro retornaram a partir da “música” da língua tcheca, como ele próprio assinala no livro final de sua biografia? A afirmação de que os pais se dirigiam aos filhos em ladino, não diminuem a força desta interrogação, nem muito menos porque alguém que, como Canetti, tão rapidamente se apropriou do inglês e do francês, sofreu tanto para falar a língua de sua mãe.

Wolfson por sua vez tentava alucinadamente esquecer sua língua materna, mas como vimos com Heller-Roazen, deparou-se com o seguinte paradoxo: “forçando-se a nunca esquecer de esquecer sua língua materna, obrigava-se sempre a se lembrar de lembrá-la” (HELLER-ROAZEN, 2010, p.157). Ele como indicou Moraes tentava da ressonância da língua da mãe que o capturou no corpo. Descolar-se da mãe era passo necessário, embora seu modo de fazê-lo segurava-o no mesmo lugar.

Anna O. transitou inconscientemente entre as línguas que conhecia faz da língua estrangeira uma língua familiar, modo mesmo de recalcar a Língua Materna, língua da trama que produzia efeitos tão intensos no seu corpo, como assinala Moraes (1999). O papel da linguagem na formação e na resolução dos fenômenos históricos. Todos eles nos permitem pensarmos, com Freud e Lacan que o sujeito é constituído por linguagem, Como diz Lacan, o inconsciente é feito por *lalangue*, palavra que ele usa para designar o que é a ocupação de cada um de nós.

CAPÍTULO 4

Entrelaçamento: caminhos percorridos até aqui....

O caminho percorrido nesta dissertação permite ao leitor. Perceber que o sintagma Língua Materna abriga fenômenos muito distintos. Diferentemente dos conceitos “Segunda Língua” e “Língua Estrangeira”, o conceito “Língua Materna” é tratado, pela maioria dos autores, no campo da Linguística e da Linguística Aplicada como evidência. A Língua Materna caracteriza-se, geralmente, por ser aquela que está na origem, aquela que não é submetida à instrução formal. Vejamos com que naturalidade o tema é abordado.

Segundo Spinasse (2006), a Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem tão precisa ser referida a apenas uma única língua. Normalmente, ela é designada como aquela que aprendemos primeiro e em casa, com os pais, e também é frequentemente a língua da comunidade, isto é, à Língua Nacional. Entretanto, como assinala a pesquisadora, a língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilinguismo). Uma criança poderia ter pais com nacionalidades distintas, morar em um país que não seja o de nenhum deles. Ela pode, portanto, adquirir também uma terceira língua, que não é falada em casa, e todas valem como L1. Essa criança teria três línguas maternas e, de acordo com Spinasse a ordem, nesses casos, não interessa muito, pois o que interessa aos estudos linguísticos é a relação entre Segunda Língua e Língua Estrangeira¹⁶.

A aquisição de uma Segunda Língua (L2 ou SL), por sua vez, se dá, quando o indivíduo já domina em parte ou totalmente a(s) sua(s) L1, ou seja, quando ele já está em um estágio avançado da aquisição de sua Língua Materna. Vê-se aí a

¹⁶ A questão Língua Estrangeira-Segunda Língua não foi abordada nesta dissertação, pois representaria um desvio desnecessário.

hipótese Lenneberg (1967), que defende a que haja um “período crítico” no qual a aquisição ocorre de forma mais fácil e mais eficaz. Tal período estaria segundo o autor ligado ao desenvolvimento do cérebro. Durante esse período, qualquer língua adquirida teria o status de L1.

Ainda que tal teoria não tenha sido comprovada, afirma-se, de forma geral, que línguas adquiridas ainda cedo são dominadas como L1 – mas desde que aquelas desempenhem uma função semelhante à desta, se língua desempenhar mais do que um papel de integração social e se tornar uma língua diária, importante para se viver, que tenha características identitárias, e o que o indivíduo a domine como um nativo. Neste sentido, até mesmo uma segunda língua poderia transformar-se em L1, ou seja, conforme afirma Spinasse (2006) o “status de uma língua pode, ocasionalmente, se modificar”. “Segunda Língua” está para “outra que não a primeira (a materna)” (SPINASSE, 2006, p. 6), e a ordem de aquisição torna-se irrelevante – desde que não se trate de mais uma L1. Dependendo de como a língua foi adquirida, ela pode ser classificada de uma forma ou de outra. Note-se a imprecisão e a subjetividade que tal definição comporta. A “Segunda Língua é uma não-primeira-língua” como aponta a própria pesquisadora. A definição negativa corrobora a ideia de imprecisão e de naturalização da complexidade que, como tentamos indicar nos capítulos anteriores, envolve a tentativa de precisar o que seria a Língua Materna.

De acordo com Pereira de Castro (2006), discussões realizadas pelos gerativistas a respeito da aquisição de línguas outras deixam transparecer aspectos desta complexidade envolvida na definição de Língua Materna,

ainda que não reconhecida nestes termos, na medida em que a questão sobre a aquisição da chamada L2 põe em evidência o que o algoritmo *L1, L2 (...Ln)* oculta. A questão central da relação entre L1 e L2 é saber se o problema lógico da aquisição de linguagem (CHOMSKY, 1981; 1986 etc.), uma das premissas básicas da teoria na aquisição de L1, é ou não o mesmo enfrentado pelo aprendiz de L2. Em outras palavras, a pergunta gira em torno do papel da Gramática Universal (GU), na aquisição de L2. Para White (1982, 1995), por exemplo, trata-se do mesmo problema. Segundo este e

outros autores (FLYINN, 1983; CYRINO, 1986), se a faculdade da linguagem é biologicamente determinada (ver CHOMSKY 1986; 2000, entre outros), a GU deve continuar acessível na aquisição/aprendizagem¹⁷ de L2 (PEREIRA DE CASTRO, 2006, p.136).

Pereira de Castro (2006) afirma que não se trata de uma proposição unânime. Como vimos, há autores que adotam a hipótese do que assumem como um período crítico (cf Lennenberg 1967), e entendem que a GU, na adolescência, não é mais acessível para o aprendiz de L2. Segundo a autora, Schachter (1988), por exemplo, nega que seja possível a existência de um processo bem sucedido de aquisição de L2 depois da puberdade, pois, nestes casos não há mais possibilidade de acesso à GU e, portanto “trata-se de um processo unicamente cognitivo de aprendizagem (cf. Cyrino, 1999)” (PEREIRA DE CASTRO, 2006, p. 136).

O conceito de período crítico articula cronologia a desenvolvimento, sustenta o caráter único de L1, a Língua Materna, mas também fragiliza. “o valor da GU na teoria, limitando seu papel à aquisição de uma primeira língua, abrindo brechas para a contradição teórica: pode-se adquirir/aprender uma segunda língua sem que se acionem as estruturas cognitivas exclusivas da linguagem”. Segundo Pereira de Castro, há autores que procuram diferenciar aquisição e aprendizagem, mas mantêm a hipótese do acesso à GU quando entra em jogo a sintaxe. Nessa perspectiva, segundo ela:

[...] aprendizes de L2 seriam sensíveis a certos princípios que definem “os traços centrais” de L2. Tome-se, por exemplo, a questão da ordem das palavras: segundo estudo experimental de Felix (apud Cyrino, 1999), o fato de L1 ter uma outra ordem não acarretaria a transferência dos seus traços centrais. Há neste ponto de vista uma oposição entre “core grammar” (Chomsky 1986), dependente do acesso à GU e aspectos periféricos (“periphery”, Chomsky, op. cit.), que podem estar ligados a outros processos

¹⁷ Uso aquisição/aprendizagem porque no debate ora um, ora outro termo é empregado, o que já marca a polêmica sobre o papel da GU.

cognitivos. É preciso que se compreenda esta afirmação, vale lembrar, no corpo de um debate em que se cruzam hipóteses radicalmente opostas. As chamadas evidências empíricas, apresentadas de lado a lado, não garantem um consenso (PEREIRA DE CASTRO, 2006, p. 136-137).

Como assinala Bizio (2008), ao discutir a questão da Língua Materna no universo da surdez, “a autora conclui que a discussão entre os gerativistas mostra que a L1 só se torna uma questão-problema, quando vista na relação com as línguas posteriormente adquiridas”. Pereira de Castro assinala que ainda que os pesquisadores “parecem tocados pela diferença entre saber uma língua (materna) e conhecer uma língua outra, a partir da língua que se sabe¹⁸”, pois como ela comenta chegam mesmo a usar como recurso a noção de “aprendizagem” no interior de uma hipótese racionalista. Para a pesquisadora, “o reconhecimento da especificidade da língua materna, a L1, não deixa de abalar os princípios da teoria pelo enfraquecimento da GU” (PEREIRA DE CASTRO, 2006, p. 137).

Note-se que apesar da complexidade envolvida na relação L1/L2 o tema da Língua Materna tem recebido pouca atenção nos estudos sobre a aquisição da linguagem.

Pereira de Castro (1998a, 1998b, 2000 e 2006) tratou o tema e em seu artigo “Sobre o (im)possível esquecimento da língua materna”, coloca em discussão a posição que a Língua Materna tem frente as outras línguas adquiridas. Para isso cita o trabalho de Melman (1992), autor que como vimos diferencia o saber e o conhecer uma língua, para dar conta de duas posições subjetivas distintas; “a que se define na relação com a língua materna e a posição que é efeito do convívio com línguas outras” (PEREIRA DE CASTRO, 2006, p.137). A autora reconhece impasses no trabalho de Melman (1992) e afirma que esta dicotomia saber/conhecer é interrogada por ele próprio na discussão sobre as incidências subjetivas do bilinguismo.

¹⁸ Ver Melman (1992).

Sobre isso Pereira de Castro (2006) afirma que o termo bilinguismo adotado por Melman (1992) é inadequado, pois segundo autora, esta é uma relação imaginária entre duas línguas:

A experiência linguística em que o falante é atravessado por línguas e culturas diversas, em que o esquecimento se constitui como saber ou ainda, nas palavras do próprio Melman, em que se pode dizer que o inconsciente não é “nem nacionalista nem xenófobo”, requer um deslocamento das certezas que se cristalizaram sob conceito de bilinguismo. Na própria reflexão do autor encontram-se alguns elementos para este deslocamento. De fato, como se viu nas páginas anteriores, embora Melman não inclua uma reflexão sobre a aquisição de linguagem, seus argumentos sobre os efeitos dos movimentos migratórios na relação do sujeito com a(s) língua(s), relacionam-se com a questão pelo conceito de língua materna[...] (PEREIRA DE CASTRO, 2006, p. 140).

Para tratar as questões da língua, Pereira de Castro inclui o trabalho de Milner (1978; 1989, entre outros), pois, segundo ela, este autor oferece elementos para uma articulação entre a discussão sobre o estatuto da fala da criança e o conceito de Língua Materna.

Para o autor, se por um lado a ciência linguística é sustentada pelo axioma “o real da língua é da ordem do calculável” (Milner, op cit: 7), não se pode por outro lado negar que há um certo lugar de língua, “que insiste... e que a linguística ou gramática acordam em negar” (Milner, ibid:21). Este elemento “insistente” é também da ordem das línguas, um real de língua, que não é representável pelo cálculo ou matematização (PEREIRA DE CASTRO, 2006, p. 141).

Com isso a pesquisadora faz remissão a *lalangue* – conceito abordado no capítulo 2 para designar em toda língua, conforme assinala Milner, o registro que a destina ao equívoco. “Função de excesso diante das gramáticas e teorias que o

autor reconhece como pertencente ao eixo da poesia, incluindo aí o lapso, o chiste, o poético e a língua materna” (PEREIRA DE CASTRO, 2006, p. 141).

Esta última, diz Pereira de Castro citando Milner, “é a figuração mais direta da *lalangue*, já que uma e outra, ao mesmo tempo que são línguas, guardam um traço de incomensurabilidade que impede que se lhes incluam no lote comum destas. A Língua Materna é qualquer língua, como todas de um certo modo o são, ela é uma entre outras, mas para um certo sujeito falante ela é Língua Materna” (cf. MILNER, p. 21-22 apud PEREIRA DE CASTRO, 2006, p. 141).

Ao articular *lalangue*, a Psicanálise é introduzida por Pereira de Castro para tratar a Língua Materna. Estabelecer um laço entre a Psicanálise e os estudos de aquisição de linguagem é tarefa que - usando expressão de Amorim Silva (2012) para falar da relação entre Linguística e Psicanálise-, envolve “turbulências”. É certo que desde 1992, esta tem sido a rota do Interacionismo, mas que tem suscitado questões que devem ser enfrentadas. Vejamos os problemas deste encontro quando o que está em questão é o campo da Aquisição.

De acordo com Lier- DeVitto (2012 inédito) a área da Aquisição de Linguagem se organiza em torno da “**idealização de que todo infante será falante**” (LIER-DEVITTO & ARANTES, 1998) e que ela elege, de acordo com este ideal, a trajetória certa e inequívoca de crianças rumo à língua constituída”. Tal idealização “institui como **tarefa** da Aquisição da Linguagem *apreender as mudanças sucessivas e bem sucedidas* que ocorrem nesta trajetória – tarefa que se procura realizar pela via da **descrição de falas de crianças**” (LIER-DE-VITTO & ARANTES, 1998).

Considerando a meta do Programa da área de Aquisição da Linguagem que é pautado por um movimento de idealização da trajetória da criança e pela tentativa de apreender pela descrição das mudanças na fala **a interrogação sobre a criança é marginalizada** – ela se torna, mesmo, desnecessária”. Sobre isso, De Lemos (2006) assinala: conforme aponta Lier-DeVitto [...] a análise da fala de crianças é capaz de por em ato e **sustentar por si mesma o empreendimento “da área de Aquisição da Linguagem”** e, “mais que isso [...] a pergunta pelo sujeito advém de modo secundário” (LIER-DEVITTO, 2012 inédito, p.3).

É certo que Lier- DeVitto (2012) reconhece que Interacionismo “**constrói outra empiria**”, distinta daquela que é definida no campo da Aquisição. O olhar para o erro dá o contorno da “posição incômoda” do Interacionismo na área de Aquisição”. Ela destaca que o esforço teórico no sentido do modelo de enfrentar às produções insólitas e aos erros produzidos por crianças o que acabou por alojar “a teoria Interacionista numa zona fronteira: ela fica entre estar “dentro” e “fora” da área de Aquisição da Linguagem” (LIER DE-VITTO, 2012, p.2).

Lier De-Vitto (2012) reconhece o movimento importante realizado pelo Interacionismo e coloca em destaque as questões originais e complexas que o Programa delineou e enfrentou no movimento de teorização sobre a fala da criança, reconhece os ganhos a partir do aprofundamento na reflexão saussureana que ecoou - por suas próprias mãos - no campo das patologias e da clínica de linguagem e afirma:

“ganhamos uma insuspeita visibilidade sobre os movimentos da *língua em falas erráticas e sintomáticas* e esse passo nos mostrou que, embora insólitas e embaraçosas, essas falas marginalizadas estão “dentro” e não “fora” das leis de referência interna da linguagem. Esse resultado é da maior importância porque erros e falas sintomáticas, que resistem às descrições gramaticais e que, por isso, tinham **existência externa ao campo dos estudos linguísticos**, adquiriram o estatuto de **problema interno**, uma vez que pudemos mostrar que esas manifestações são **efeitos possíveis e atestáveis do funcionamento da língua na fala** (LIER DE-VITTO, 2012, p. 7).

Temos assim ainda que tenha havido uma mudança importante no modelo a partir da interface com o estruturalismo europeu lido pela Psicanálise -, uma questão de fato complicada: de um lado um campo em que a questão do sujeito é tocada de modo secundário e, de outro a Psicanálise, que pela introdução *lalangue* aborda a Língua Materna. Mas vale lembrar que *lalangue*, como vimos, inclui a dimensão do desejo, que tem relação com o corpo e, por razões teóricas, não podem ser considerado “pela Linguística que se sustenta no ideal de que o real da língua é da

ordem do calculável” (MILNER, 1978/1987, p. 7) Inclui que *lalangue* exige um passo outro, não basta tocar no sujeito de maneira secundária ou defini-lo como sujeito do inconsciente.

Talvez por isso Lier-DeVitto (2012) coloque em destaque o silêncio de Claudia De Lemos, em relação às interrogações desta autora no final do artigo de 2002 –Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação.- Nele De Lemos (2002) aponta os desafios a serem enfrentados pelo campo e chega mesmo assinalar as vias possíveis para enfrentar os impasses, mas, em seguida silencia nas palavras de Lier-DeVitto (2012), “ela vai buscar respostas para a *disparidade de efeitos* [da fala de crianças], em um lugar que fica do lado de fora da Linguística – na Psicanálise” (LIER-DEVITTO, 2012 inédito, p. 11). O que a leva a interrogar: **Quais os efeitos deste gesto efeitos no Interacionismo?**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como assinalei na Introdução, este trabalho nasceu de uma questão pessoal, a questão da Língua Materna há muito tinha para mim o estatuto de enigma e se transformou em questão de pesquisa o que, de fato, gera embaraços os quais pude sentir na dificuldade de manejar o tema.

Inicialmente, apresentei os fundamentos teóricos, se o tema era Língua Materna, parecia-me necessário explicitar o modo como a Língua era aqui concebida, bem como esclarecer a proposta de aquisição de Linguagem por meio da qual abordaria a passagem de *infans* a falante. Visei, também, com a Introdução do trabalho Saussure, mostrar o movimento da construção de uma nova empiria no campo da Aquisição, anunciar a distância da escrita de uma “gramática infantil” e indicar a presença fala da criança, a fala que traz a fala do outro, a fala com suas elipses, hesitações, a fala que se identifica a língua constituída, sem com isso anunciar o fim de um processo. Via-se assim a distância da Psicologia, da noção de desenvolvimento em direção a uma perspectiva estrutural, a mudança não como ganho de saber, mas como movimento numa estrutura de três polos, a relação sujeito-língua-fala. A partir dessas considerações me propus a encaminhar uma reflexão sobre a Língua Materna.

Em seguida, como consequência da presença da Psicanálise na fundamentação teórica, busquei o que se dizia ali sobre a língua materna. *Lalangue* o operador presente em qualquer língua, elemento responsável por articular língua-sujeito. Afirmei com Vorcaro: “o inconsciente é feito de *lalangue* e a linguagem é o que se tenta saber *sobre lalangue*, que testemunha o saber que escapa ao ser que fala. Isto que faz a imparidade que não saberia ser dita é, em cada língua, o que o inconsciente pratica” (VORCARO, 1997, p. 135).

Lalangue, inscrição simbólica primitiva sem a qual não há possibilidade de apreensão de uma segunda língua/língua estrangeira, e que esta ainda porta os efeitos/afetos de *lalangue* que reverberam, se estendem, sobre este novo idioma. A presença de *lalangue*... a inscrição do sujeito no simbólico... a tarefa parecia mais árdua a cada passo, fui entrando em um labirinto que exigia um passo que não conseguia dar, caminhei ali, houve ganhos, mas me perdi na voz de autores, não

conseguia chegar ao fim, nem voltar ao início. Fiquei aprisionada, mas ao ceder a voz caminhei, pois pude ver ali um risco que se anunciava: a psicanálise aplicada. Risco que os anos no Grupo de Pesquisa Aquisição Patologias e Clínica de Linguagem ensinaram a evitar. Era necessário um pouco de poesia frente a aridez do terreno em que me encontrava presa.

Encontrei pelas mãos de Heller-Roazen (2010), a história de Elias Canetti e sua bela e dolorosa relação com as línguas. Na sequência, mas com um desfecho menos feliz, a história de Wolfson, escritor esquizofrênico, explorado em trabalhos diversos. Com eles introduzi, timidamente, as relações entre lembrar e esquecer, jogo complexo em que o Sujeito ao esquecer acaba por lembrar e ao lembrar acaba esquecendo. Movimento que Heller-Roazen aborda sem pretensão de fazer ciência, mas ainda assim produzindo questões, que puderam me levar a pensar que esquecimento é tema para não esquecer quando voltar a esta questão.

Canetti ao narrar a própria história diz, “o alemão foi para mim uma língua materna aprendida mais tarde e verdadeiramente nascida com dor”. Já sob efeito das leituras da Psicanálise posso agora perguntar: teria ele de fato aprendido a Língua Materna mais tarde, não estaria ela lá, desde o início, na “sonata materna”¹⁹ esta língua do interdito da mãe, que permitiu com ele fizesse dela a língua da escrita e do reconhecimento.

Wolfson, como vimos, tenta esquecer a Língua Materna e nesse gesto permanece a ela colado, estaria em seu gesto de destruir a Língua Materna o saber que escapa ao ser que fala? Atestando, com seu gesto, sua impossibilidade de sair do seu lugar na estrutura? A partir de Wolfson cheguei pela via de um deslocamento metonímico, ao trabalho de Moraes (1999) que fala desde a Psicanálise. Com ela o Jovem Psicótico, aparece ao lado de Anna O. e em cena está a relação entre estranho e familiar e suas relações entre Língua Materna/Língua Estrangeira e a suspensão da ideia de que a Língua Materna equivale a familiar, enquanto a estrangeira comportaria o estranho. Este foi um lugar delicado da dissertação, a introdução do Estranho de Freud (1919), permitiu a Moraes (1999) este deslocamento, cuja densidade não pude acompanhar na dimensão que o conceito exigiria, mas que também ficou como indicação de um caminho a ser trilhado.

¹⁹ Expressão de Didier Weill, autor com o qual tive contato na fase final desta dissertação

Finalmente, voltei aos estudos da linguagem, dei um pequeno passo em direção à Linguística Aplicada, confesso que ali o tema é bastante explorado, mas sempre articulado ao ensino de Segunda Língua, não tive interesse em me deter, o pouco que apresentei me pareceu suficiente para indicar a natureza da discussão que ali se desenvolve.

Retornei ao trabalho de Pereira de Castro, pensei que, finalmente, pudesse dar um passo mais ousado, articulando o sujeito da Psicanálise aos estudos da aquisição de linguagem. Mas a trajetória percorrida já me advertia que a questão era mais complicada. Se o texto de Silveira (2006) era promissor como se vê no título, “*Um certo retorno à Linguística pela via da Psicanálise*”, trilha que segui no início da dissertação, o trabalho de Lemos (2006) *O sujeito (im)previsto* e o de Leir DeVitto (2012) “*Acessibilidade a falas de crianças: questões sobre a escuta de materiais clínicos e de dados de investigação*” anunciavam as dificuldades com as quais iria me deparar.

Fazer valer a ideia de que a criança da Aquisição de Linguagem é *corpo pulsional*, requer fôlego teórico, que ultrapassa as possibilidades de um mestrado. Pensei nas consequências da afirmação de Lemos (2006), ao indicar que não se pode fazer equivaler a criança ao sujeito do inconsciente. Na sequência me ocorreu a citação de Pereira de Castro (2006), pesquisadora que tem como foco a aquisição de linguagem, que coloquei na introdução: Língua Materna é “aquela que define o sujeito como falante, isto é, que passa a qualificá-lo a partir desse momento lógico de captura por um modo de funcionamento, sempre dividido entre *lalangue* e língua, entre a língua e a possibilidade de equívoco” (PEREIRA DE CASTRO, 2006, p.143). Quem seria aí o sujeito falante? O sujeito do inconsciente? A criança da aquisição de linguagem? Este ponto merece tratamento adequado, mas em outro tempo.

Do trabalho de Pereira de Castro, retive, sob o efeito da Psicanálise, a importância do título “*Sobre o (im)possível esquecimento da língua materna*”. De fato, do que vi até aqui, a Língua Materna não se esquece, ela é aquela que faz do corpo sujeito, mas não corresponde a Língua falada pela mãe, embora como nos indique Vorcaro (1997), ela seja suportada por ela. A língua maternante é música da voz materna, que aliena à criança ao responder àquilo que se supõe que seja sua demanda, e Língua Materna, se pude apreender o que li, responde pelo interdito e é possibilidade de separação. Nesse tempo inicial, o que está em questão parece ser a entrada do sujeito no universo simbólico, este que o antecede, mas por onde deve

circular. Traços, nesse tempo mítico, aí se inscrevem e abrem a possibilidade enigmática para o acesso a todas as línguas. Trata-se mesmo de uma experiência inaugural e definitiva. Isso que escrevo na forma de afirmação é, contudo, ainda uma interrogação que pretendo responder em trabalho futuro, onde pretendo responder as questões que pude enunciar nesta dissertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATI-MEHLER, J.; ARGENTIERI, S.; CANESTRI, J. A babel do inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

AMORIM SILVA, M. D. G. V. Encontros e desencontros entre psicanálise e linguística. A presença de Jacques Lacan [Dissertação de Mestrado]. Linguística Aplicada e Estudos da linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

ANDRADE, L. Ouvir e escutar na constituição da clínica de linguagem [Tese de Doutorado]. Linguística Aplicada e Estudos da linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

ARANTES, L. Diagnóstico na clínica de linguagem [Tese de Doutorado]. Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

BALBO, G. A língua nos causa, Corpo à Letra. Trad. Angela Vorcaro. In: VORCARO, A. (Org.). Quem Fala na Língua? Salvador: Ágalma Psicanálise Editora, 2004, p.123-150.

BALBO, G.; BERGÈS, J. Do Corpo à Letra. Trad. Angela Vorcaro. In: VORCARO, A. (Org.). Quem Fala na Língua? Salvador: Ágalma Psicanálise Editora, 2004. p. 151-174.

BERGÈS, J. Bilinguismo e recalçamento, Corpo à Letra. Trad. Angela Vorcaro. In: VORCARO, A. (Org.). Quem Fala na Língua? Salvador: Ágalma Psicanálise Editora, 2004, p.175-179.

BERGÈS, J. e BALBO, G. Jogo de posições da mãe e da criança: ensaio sobre o transitivismo. Tradução de N. Leite, V. Veras e A. Vorcaro. Porto Alegre: CMC, 2002.

BETTS, J. A. Meu pai é melhor que o teu: considerações sobre o bilinguismo e aprendizagem da língua estrangeira. In: COSTA, A. M. M. et al. **Imigrações e fundações**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p. 151-157.

BIZIO, L. Considerações sobre o ensino de língua portuguesa para surdos. [Dissertação de Mestrado] - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

BRAZÃO, M. L. Rastros da língua materna, [Dissertação de Mestrado] -Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

CANETTI, E. Massa e Poder. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

CELADA, M. T. Uma língua singularmente estrangeira. O espanhol para o brasileiro [Tese de Doutorado]. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2002.

CORACINI, M. J. R. F. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. In In: Coracini, M.J.R.F (Org.). *Identidade & Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária. p 139-158, 2003.

DE LEMOS, C. T. G. “Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação”. In. Cadernos de estudos linguísticos, nº 42, p. 41-69, Campinas: 2002.

_____ Los Procesos Metafóricos y Metonímicos como Mecanismos de Cambio. In: Substratum, Barcelona, v. 1, nº1, p. 121-135, 1992.

_____ Native speaker’s intuitions and metalinguistic abilities: what do they have in common from the point of view of language acquisition? Cadernos de Estudos Linguísticos, n. 33. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

_____ Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição de língua materna. In: The Trento Lectures and Workshop on Metaphor and Analogy, 1997. Não publicado

_____ O estatuto da interação no estudo da trajetória linguística da criança: a questão do investigador. In: AGUIAR, M. A. M.; MADEIRO, F. CARVALHO, G. M. M.; CAVALCANTE, M. C. B.; ANDRADE, W. T. L.; CAVALCANTI, W. M. A. (Org.). **ENEAL - Encontro Nordestino em Aquisição da Linguagem**. Recife: Editora da UNICAP-FASA, 2007.

_____ Sobre as vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. Cadernos de Estudos Linguísticos, 42. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

_____ Sobre o Paralelismo, Sua Extensão e a Disparidade de Seus Efeitos, 1999-2000.

_____ Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição da Linguagem In: LIER-DEVITTO, M. F.; ARANTES, L. (ORG): **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006.

DE LEMOS, C. T. G., LIER-DE VITTO, M. F., ANDRADE, L. e SILVEIRA, E. M. Le saussurism en Amérique Latine aux XX siècle. Cahiers Ferdinand de Saussure: Revue Suisse de Linguistique Générale, v. 56, p. 165-176, 2004.

FONSECA, S. C. O afásico na clínica de linguagem [Tese de Doutorado]. Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2002.

GASPARINI, D. S. R. Reflexões sobre língua materna e língua estrangeira a partir da incidência de *la langue*. [Dissertação de Mestrado] - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2010.

HAMERS, J. F. & M. H. A. BLANC. Bilinguality & Bilingualism. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

HELLER-ROAZEN, D. Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas. Trad. Fabio Akcelrud Durão. Campinas: Ed. Unicamp, 2010

JAKOBSON, R. Linguística e comunicação. São Paulo, SP: Cultrix, 1954.

JAKOBSON R. Two Aspects of Language. In: POMORSKA, K.; RUDY, S. *Language in Literature*. Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press, p. 22-45, 1966.

JERUSALINSKY, J. A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo [Tese de Doutorado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

_____ Prosódia e enunciação na clínica de bebês: quando a entoação diz mais do que se queria dizer, Corpo à Letra. In: VORCARO, A. (Org.). Quem Fala na Língua? Salvador: Ágalma Psicanálise Editora, 2004, p.206-228.

KRISTEVA, J. "En deuil d'une langue?" in *Deuil. Vivre, c'est perdre*. Paris: Autrement. P. 27-36, 1995

LACAN, J. Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

_____ (1972-1973). O Seminário, livro 20: Mais, ainda. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985c. p. 201.

LACHAUD, D. La langue maternelle ou la division du sujet. In La Psicanalyse de l'Enfant. Paris, 1991.

LEITE, N. V. A. Do infans ao falante: o tempo para se contar. Rio Grande do Sul: Letras de Hoje, Vol. 36, Fac. 3, pp.267-272, 2001.

_____ Riso e rubor: para falar do corpolinguagem. In: LEITE, N. V. A. Corpolinguagem: gestos e afetos. Campinas: Mercado de Letras, p. 81-92, 2003.

_____ Sema-soma. In: BERNADINO, L.; ROHENKOHL, C. (orgs.) O bebê e a modernidade: abordagens teórico-clínicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 85-90, 2002.

LEMONS, M. T. O sujeito imprevisto. In: LIER-DEVITTO, M. F.; ARANTES, L. (Orgs) Aquisição, patologias e clínica de linguagem. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2006, p. 57-62.

LENNERBERG. E. H. Biological Foundations of language. New York: John Wiley & Sons; 1967.

LIER-DEVITTO, M. F. Acessibilidade a falas de crianças: questões sobre a escuta de materiais clínicos e de dados de investigação. Trabalho Apresentado no Gepal-Unicamp – Encontro de Aquisição de Linguagem: teoria e método. agosto. 2012. texto inedito.

_____ Abordagem das falas sintomáticas: sobre a condição intervalar da clínica de linguagem entre a Linguística e a Psicanálise. In: SILVEIRA, E. M. (org.) As bordas da linguagem. Uberlândia: EDUFU, c. 66, p. 57-66, 2011.

LIER-DEVITTO, M. F. & ARANTES, L. Sobre os efeitos da fala da criança: da heterogeneidade desses efeitos. In: **Letras de Hoje**, v. 33, n. 2, p. 65-72. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 1998.

LIER-DEVITTO, M. F. & CARVALHO, G. M. M. O Interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem. In: QUADROS, R. M. & FINGER, I. Teorias de aquisição de linguagem. 1 ed. Florianópolis, EDUFSC, p. 115-146, 2008.

LIER-DEVITTO, M. F.; FONSECA, S. C. Linguística, aquisição da linguagem e patologia: relações possíveis e restrições obrigatórias. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 433-439, 2001.

_____ Hesitações e pausas como ocorrências articuladas ao movimento de reformulação. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, Jan-Jun, v. 54. n. 1, 2012

MELMAN, C. Imigrantes – Incidências subjetivas das mudanças de língua e país. São Paulo, Editora Escuta Ltda, 112 p, 1992.

MILNER, J. C. O amor da língua. Porto Alegre: Artes Médica, 1978.

_____ Os Nomes Indistintos. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, [1987]2006.

MORAES, M. R. S. Língua Materna e Estrangeiridade. Revista solta a voz, vol. 20, fac. 1, Goiânia, 2009.

_____ Materna/estrangeira: o que Freud fez da língua. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____ Materna/Estrangeira: o que Freud fez da Língua. [Tese de Doutorado] – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1999.

NASCIMENTO E SILVA. D. Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas. Trás. Linguist. Apl. V. 50, nº. 2, p. 509-528, 2011.

PEREIRA DE CASTRO, M. F. “Língua materna e os destinos da fala infantil”. Aula elaborada para cumprimento da prova didática do concurso público de provimento do cargo de professora titular do Departamento de Linguística do IEL/UNICAMP, 2006a.

_____. “Língua Materna: palavra e silêncio na aquisição da Linguagem”, 1997.

_____. “Língua materna: palavra e silêncio na aquisição de linguagem”. In: Silêncios e Luzes: sobre a experiência psíquica do vazio e da forma, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998a.

_____. Memorial apresentado para reclassificação por mérito (MS-5) Campinas: Departamento de Linguística/IEL/UNICAMP, 2000.

_____. “Sobre a interpretação e os efeitos da fala da criança”. Letras de hoje. Porto Alegre. V. 33, n.2. 1998b; p. 81-87.

_____. Sobre o (im)possível esquecimento da língua materna. In: LIER-DEVITTO, M. F.; ARANTES, L. (ORG): **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006b.

RODRIGUES, N. Saussure: uma revolução na Linguística. [Dissertação de Mestrado] FFLCH-USP, 1975.

SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral. Bally, C. & Sechehaye, A (orgs.). Cultrix. São Paulo, 1916/1989 (2006).

SERRANI, S. M. A linguagem na pesquisa socio-cultural: um estudo de repetição da discursividade: 2ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

SILVEIRA, E. M. A teoria do valor no Curso de Linguística Geral. Uberlândia: Letras & Letras, 2009.

_____. Um certo retorno à Linguística pela via da Psicanálise. In: LIER-DEVITTO, M. F.; ARANTES, L. (ORG): **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006.

SPINASSÉ, K. P. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. Revista Contingentia. V. 1; Nov; p. 1-10, 2006.

TASSINARI, M. I. Relação terapêutica na clínica da linguagem: o país de Alice nas vizinhanças da teoria psicanalítica [Dissertação de Mestrado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995.

TESSER, E. O diálogo na clínica de linguagem: considerações sobre transferência e intersubjetividade, [Tese de Doutorado] - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

TESSER, E. Reflexões sobre o diálogo - sob efeito da clínica de linguagem em afásicos, [Dissertação de Mestrado] - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

VERAS, V. O estrangeiro *na língua materna: (não) desejar as coisas alheias*. Unicamp. v. 19, n. 1, 2008.

VORCARO, A. A criança na clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

_____ O Organismo e a Linguagem Maternante: Hipótese de Trabalho sobre as Condições do Advento da Fala e seus Sintomas. Mimeo, 2001.

ZAJAC, S. Questões sobre o ensino de língua portuguesa para surdos: um novo olhar, novas perspectivas [Tese de Doutorado] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.